

Revista

da Escola Normal de S. Carlos



Propriedade e redacção do corpo docente

SUMMARIO

- FRANCISCO Z. PENTEADO . . . *John Casper Branner*
Lente de Mathematica
- JOÃO TOLEDO *Suggestões e programma para o ensino*
de Francês nas Escolas Complementares e Normaes
- CARLOS DA SILVEIRA *Do Papel Educativo da Escola Primaria*
Lente de Psychologia e Pedagogia
- DUILIO RAMOS *Como realizar a pratica de ensino ?*
Lente da 7.ª cadeira
- ATALIBA DE OLIVEIRA *O lente de physica*
- A. PROENÇA *A mosca*
- " " *Methodos de ensino elemental*
- " " *Professorandos de 1922*

REVISTA DA ESCOLA NORMAL DE SÃO CARLOS N. 12

Por motivos independentes de nossa vontade, o presente numero ficou bastante prejudicado tanto em sua forma como em seu conteudo.

Pretendemos publica-lo novamente, em edição limitada, devidamente revisto e no formato dos numeros anteriores.

A COMMISSÃO DE REDACÇÃO

*Em 1922 só foi publicado o numero n.º -
este numero vai ser publicado o n.º 13*

vezes

ine-

col-
elas

ser
da

arlos
SIL.

JOHN CASPER BRANNER

*«Uma mulher instruída será uma
força importante para o futuro do paiz».
(Um dos dez mandamentos de
Branner offerecidos á mocidade brasi-
leira).*

Estando na America do Norte, em 1846, o nosso ministro, conselheiro Sergio Teixeira de Macedo, ouviu, em conversa, as seguintes palavras de Colk, então presidente daquelle paiz maravilhoso:

—«Deveis vir avançando para o norte, como nós iremos avançando para o sul: devemos encontrar-nos no isthmo de Panamá. Se ao chegarmos lá, vós ahi não estiverdes, passaremos adeante».

E como este, outros presidentes e muitos norte-americanos, n'uma sêde de expansão incomprehensivel, dão á doutrina de Monroe esta significação: *a America para os Americanos do Norte!*

Entretanto, ha americanos bem mais patriotas, a quem o amôr da patria se constella no mais nobre dos sentimentos, não admittindo que sejam maculados e violados os direitos da humanidade. São dignos emulos de Fénélon, que mais amava a patria do que a sua familia, porem amava ainda mais o genero humano.

Entre esses americanos, que elevam o patriotismo á culminancia, sobre que deve illuminar o mundo, se acha o muito

illustre presidente e lente de geologia na Universidade Stanford em California, que aninhava em seu coração esse sentimento tão complicado como delicado, tão elevado quão nobre. Seu patriotismo se constituia de todos os elementos capazes de integral-o: amor do torrão natal, amor do seu territorio até ás fronteiras, e mais alem, amor pelos visinhos e especialmente pelo Brasil. Traduzia, com muita dignidade e de um modo mais significativo, as palavras — *a America para os Americanos!* Sim, a aureola da gloria, que cinge a soberania dos Estados Unidos do Norte, tambem illumina fartamente a dos Estados Unidos do Sul: as riquezas são irmãs, igualmente prodiga a natureza para com um e outro paiz. E todos os pizes da America, planetas e satellites que se orgulham de uma luz reflectida e emanada do progresso commum, não procurem sobrepujar uns aos outros: tal deve ser a doutrina de Monroe, tal deve ser a lei da confraternisação dos povos!

«Ali estão vinte mil volumes sobre o seu encantador paiz». Taes foram as palavras, com que o dr. J. C. Branner, ha 6 annos, quiz, em palestra amavel com o sr. Simões da Silva que foi visital-o, significar a alta estima pelo Brasil, e mostrou ao nosso patricio a bibliotheca que possui n'um dos salões da Universidade. Em seguida rememorou muitos factos interessantes de sua vida no territorio brasileiro, salientado as nossas qualidades moraes e as atencões que dispensamos aos estrangeiros. E descrevendo, com lagrimas, a hospitalidade que mereceu da parte de uma familia mineira, assim diz:

«Vou contar-lhe, apenas uma das muitas, que recebi da sua grande patria, que tambem é a minha de coração».

Mas, até o sol, que se vai condensando e vendo estreitar-se o seu diametro, ficará um dia privado do entretenimento de seu calor, tambem será consummado e, morto, fluctuará no espaço, á luz das estrellas!

Não escapa á lei da entropia a Terra, que é tambem um organismo a desenvolver-se n'uma direcção determinada!

Milhares e milhares de annos para as estrellas do céo, poucos dias para as estrellas do mar, algumas dezenas de annos para a vida de um sabio. Assim é que o destino cruel ousa interceptar a existencia material de um geologo distincto, abrindo-se a terra para oscular o envolvero d'aquelle que tanto a amara e que merece, por muitos titulos, a canonização em um concilio civico, dando-lhe o Brssil, á guisa de pantheon, a ara vasta de nossos corações, como a mais significativa e mais commovedora das homenagens.

Quasi em todos os recantos de nosso territorio brasileiro, para elle tão bello e encantador, se reflectem as formas pere-

grinas desse espirito elevado, que se evola para a estancia de Alem, a chamado de Deus, que fartamente recompensará o bem que elle fez á sciencia e á humanidade e os serviços inolvidaveis prestados a este paiz.

*
* *

Antes de mencionar uma parcella da grande somma de serviços que ennobrece o dr. Branner, que muito enriqueceu a sciencia e muita luz trouxe á geographia physica e anthropologia brasileira, seja-me licito, em poucas palavras, resumir o que se conhece sobre a geohistoria do nosso continente.

Foi na epoca terciaria que se produziram os grandes acontecimentos que decidiram do aspecto geographico actual do globo em suas linhas geraes. Os restos, isto é, grande parte do continental Austral, em que se mantinha o bloco Brasil-Africa, desapareceram sob as ondas do Oceano Indico, e a junção da Africa e do antigo nucleo do Brasil não foi além do Eoceno. Ha dois grupos de familias communs nas faunas sul-americana e africana, pertencendo a um delles os Cichlideos e Characinideos, cuja presença na Africa e na America do Sul só pode ser justificada pela ligação destes continentes por uma tira de terra firme. Esta ligação foi destruida nos tempos terciarios, como o provam os depositos dessa idade em Taubaté e no Paraná, que apresentam generos ainda existentes, sendo que muitos typos sul-americanos ha que se derivam daquelles dois grupos e não se encontram na Africa e, vice-versa, ha-os derivados dos mesmos grupos communs e não existentes na America do Sul.

Carl H. Elgenmann, que tracta da distribuição dos peixes de agua doce na America do Sul e de suas relações com a de outros continentes, muito contribuiu para o esclarecimento de tão discutida questão da ligação entre a America e a Africa, e adoptou tambem a theoria de V. Ihering sobre os continentes Archiplatino e Archihelenico:

«A origem e distribuição dos peixes de agua doce da America do Sul tropical teve logar da seguinte maneira: Nos principios do Terciario, a America Tropical consistia em dois continentes, Archiguyana e Archi-amazona, separados pelo valle baixo do Amazonas que ainda estava submerso. Havia um outro continente, Helenis, entre a Africa e a America do Sul, talvez em contacto com a Guyana na America do Sul e com algum ponto da Africa tropical.»

Na opinião de Agassiz, o planalto da Guyana, ao norte, e o planalto central ao sul, toram o primeiro esboço do valle

determinado pela elevação de duas faixas do continente, dirigindo-se de leste para oeste. Não havia então os Andes e, ao em vez, existia um longo estreito, através do qual passava o mar. O golfo se transformou mais tarde em uma bacia continental, elevaram-se os contornos acima do mar e os agentes da *dynamica interna*, bem como os da externa, intervieram no sentido de modificar a geologia estrutural e as condições do reino organico. No fim do periodo secundario, toda a bacia do Amazonas se cobriu de um deposito cretaceo, que se apresenta marginalmente nas diversas localidades sobre os lados do valle, mostrando-se ainda nos limites meridionaes e nos confins occidentaes ao longo dos Andes. Um circo oval de arenitos e de argillas desenvolve-se como uma arena enorme no interior de um amphitheatro de montanhas e planaltos, não havendo duvida que a planicie foi outr'ora coberta pelas aguas: houve um lago immenso ou muitos lagos, formando um mediterraneo americano, mais vasto do que o Mediterraneo do velho Mundo.

Qual é a origem das camadas de arenitos, dispostos tão regularmente em tão grande extensão?

Explica-se a sua formação pelo deposito de restos glaciarios arrancados das *morenas* dos arredores, nos Andes, nos Parimas Guyanenses e nas montanhas brasileiras.

Quanto ás energias que determinaram a depressão, grande, contenda se estabeleceu entre os sabios geologos que nos visitaram, sendo o mais intransigente o sr. Agassiz.

O dr. John Branner relata que, na sua viagem para o Brasil em 1865, teve oportunidade de assistir, a bordo do vapor, as preleções do grande sabio que fez ver a seus ajudantes a possibilidade de ter sido glaciado o continente sul-americano, lembrando-lhes ao mesmo tempo que seria esse o assumpto mais importante de suas investigações.

Suppunha Agassiz que o valle do Amazonas tivesse sido provavelmente a séde de uma geleira que se estendia desde os Andes até o mar; entretanto, como nos diz J. Branner, ha o testemunho de S. Shiler que nos affirma haver aquelle geologo abandonado a idéa da glaciação, tão combatida por Orton, Charles Fred e, entre outros, por Hartt, discipulo de Agassiz no Museu de Cambridge.

Hoje, já é bem conhecida a geologia do Amazonas, graças aos estudos feitos por esses geologos e aos trabalhos de seus dignos auxiliares Herbert Smilh, Orville Derby e John Casper Branner.

Ha um relatorio synthetico feito por Orville Derby e transcripto, com os mais justos elogios, pelo sr. Rocha Pombo em sua magnifica « Historia do Brasil ».

Pelo mesmo se sabe que o valle do Amazonas appareceu, a principio, como um largo canal entre duas ilhas ou grupos de ilhas, servindo uma de base e de nucleo para o planalto brasileiro e constituindo a outra, ao norte, o planalto da Guyana.

Estas ilhas surgiram no principio da idade siluriana ou um pouco depois. Não se tinha dado então o levantamento dos Andes. Foram depositados no canal as camadas correspondentes aos terrenos siluriano superior, devoniano, carbonifero e cretaceo, acontecendo que esses depositos successivos foram estreitando a passagem entre as duas ilhas. Consistia o valle do Amazonas em dois golfos unidos por um canal estreito. Surgem os Andes na entrada do golfo de Oeste, convertendo-o em uma verdadeira bacia. Todo o continente foi depois deprimido, de tal sorte que as aguas cobriram amplamente os planaltos da Guyana e do Brasil, sendo depositadas as camadas terciarias variaveis em espessura e constructura. Quando o continente surgio outra vez sobre as aguas, levantaram-se primeiro os planaltos nivelados por sua nova aquisição de depositos; porem, logo depois, os actuaes divisores das aguas, ligando os grandes planaltos com os Andes, vieram acima da agua, e o valle do Amazona tornou-se um mediterraneo, communicando-se a leste com o Atlantico por um apertado canal. As camadas terciarias do Pará sendo pouco coherentes, foram rapidamente desnudadas pela acção do mar, durante o levantamento do continente, determinando a formação da varzea e as planicies baixas desse Estado. As camadas varridas explicam a formação das planicies altas. Durante a epoca da desnudação foram deixados varios depositos, não só no fundo do mar interior, como tambem no golfo que se abria a leste. Continuando a sublevação, o mar interior estreitou-se quanto á sua area, e o rio Amazonas, que antes desaguava em um lago ao pé dos Andes, começou a estender o seu curso, seguindo as aguas que se retiravam.

O dr. J. C. Branner, em seu trabalho - *A supposta glaciação do Brasil*, nos diz que «nas regiões temperadas do globo o pleistoceno foi caracterisado pela invasão do gelo que cobria a maior parte da Europa septentrional e toda a parte septentrional da America de Norte. No Brasil não houve epoca glacial, se bem que sejam attribuidos á glaciação alguns dos phenomenos de decomposição das rochas».

«Parece provavel que houvesse uma ligeira elevação do continente da America do Sul durante a idade pleistocena ou logo depois daquelle periodo. Esta theoria está sustentada, á vista dos restos de animaes marinhos e das obras de animaes marinhos achados fõra do alcance das marés actuaes».

O distincto geologo, como um braço forte de Carlos Frederico Hartt, outro notavel geologo americano, muito o auxiliou

na Comissão Geologica na exploração scientifica do Brasil, contribuindo com as luzes de seu saber para a questão da glacição. São notaveis os seus trabalhos sobre a geographia physica e ethnologia brasileiras; mas, o seu trabalho mais valioso é entretanto o que se relaciona com o estudo da costa brasileira.

Em uma noticia relativa á publicação de J. C. Branner sobre os recifes da costa nordeste do Brasil, diz o sr. Orville Derby o seguinte :

«Ha um phenomeno geologico, que até aqui não tem recebido a devida attenção, attentos a importancia e o interesse que elle offerece tanto sob o ponto de vista commercial como scientifico. Um porto formado por um recife de arenito abrigou, em 1500, a frota dos primeiros portuguezes descobridores do Brasil, e a impressão que elle produziu em seus espiritos é frisanamente revelada no facto de lhe terem applicado um nome descriptivo — Porto Seguro — emvez de um nome tirado do calendario dos santos, como era o costume dos antigos exploradores ibericos. Partindo deste ponto, como centro, uma consideravel secção da região costeira do Brasil foi explorada e povoada, emquanto dois outros, portos, protegidos de recifes, Recife (Pernambuco) e Rio Grande do Norte, tonaram-se tanto ou mais importantes do que aquelle. O primeiro destes, Pernambuco, conservou a sua importancia commercial até o presente e, estando situado sob uma grande rota de navegação, tem attrahido a attenção e excitado a admiração de todos os marinheiros e viajantes que têm visitado a costa brasileira.

Aquelles muito naturalmente confundiram os recifes de arenito com esses outros, ainda mais frequentes ao longo da costa, compostos de rochas coralleiras, e os ultimos repetiram as informações dos marinheiros, a saber, que uma larga secção da costa é margeada por um recife de natureza igual ao de Pernambuco».

A memoria traz a descripção do recife de Pernambuco feita por Darwin, a sua opinião, bem como a de Hartt, e a discussão do problema geologico tão interessante. O dr. Branner, descrevendo e esclarecendo completamente os recifes examinados, em numero superior a vinte, resume os seus caracteristicos como segue :

«Os recifes de arenito são approximada, mas não distinctamente, rectilineos. As camadas do material inclinam-se do lado do mar com o mesmo angulo commum ás praias. A rocha endurecida do recife tem somente tres ou quatro metros de espessura. Os materiaes subjacentes são : areias, conchas e argillas, em successão irregular.

O processo de formação, o caracter e a estrutura dos recifes mostram que elles são antigas praias consolidadas pelo

carbonato de calcio, sendo que seu estado rectilíneo indica que são formados de uma linha natural de praia fixada e tornada permanente pelo processo de consolidação apontado em outra parte da sua descrição».

Já havia os estudos de Hartt sobre os recifes próximos dos Abrolhos, e os de Rathbun sobre os de Itaparica; mas, o estudo completo da costa se deve ao dr. Branner, sendo o capítulo sobre recifes coralleiros uma valiosa contribuição para os conhecimentos das condições físicas e geológicas do littoral. Diz este geólogo que houve uma depressão da costa nos primitivos tempos do Plioceno, seguindo-se uma fraca elevação. Diz, mais, que os recifes de arenito são de formação e consolidação subsequentes á depressão, e que tanto os recifes de arenito, como os de coral, têm protegido a terra e auxiliado a formação da costa do mar.

Em seu magnífico trabalho — *The stone reefs of Brasil, their geological and geographical relations, with a chapter on the coral reefs* — dando uma descrição completa dos recifes, bem como a sua idade, traz a sequencia dos acontecimentos geológicos na historia da costa, que foi a seguinte:

1.º — Deposição do cretáceo durante a depressão da costa, no periodo cretáceo.

2.º — Deposição dos sedimentos terciários eocénicos no oceano e em lagos de agua doce nas proximidades da costa, no Eoceno.

3.º — Elevação e erosão da superficie da terra no Mioceno.

4.º — Depressão e deposição do plioceno, no Plioceno.

Do Pleistoceno ao Recente:

5.º — Pequena elevação da costa: erosão.

6.º — Pequena depressão da costa.

7.º — Elevação da costa, de 2 metros.

Tractando de um modo completo da geologia da costa, conclue:

«1. Não ha evidencia de uma mudança perceptível do nível da costa desde a descoberta do Brasil.

2. Tem havido mudanças na forma da linha da costa e nos cursos d'agua, bahias e estuários adjacentes; nos tempos históricos, porém, todas essas mudanças são occasionadas pelo processo ordinario agora em operação.

3. Os recifes de arenito não são metamorphoseados, nem têm dobras e não ultrapassam o nível da maré, salvo quando, em condições excepcionaes, são virados pelo solapamento das marés.

4. Os lagos do littoral formaram-se pela açudagem dos estuários devido ás areias sopradas ao longo da costa, ou pelo

seu atulhamento pelos detritos trazidos, pelas ondas, das terras vizinhas ou pelas proprias correntes interiores.

5. A direitura da linha da costa é devida ao longo periodo de destruição (wearing), a que o littoral tem estado sujeito, e ao constante bater dos ventos e das vagas.

6. Durante a estação secca as vagas do mar ficam em condições de poder fechar as boccas de muitos pequenos cursos.

7. Nessa estação unicamente as grandes correntes d'agua doce são capazes de manter abertas as suas boccas.

8. Comquanto não se conheçam mudanças de nivel no periodo historico, ha evidencias tanto de elevação como de depressão da costa do Brasil em recentes tempos geologicos.

9. As evidencias de depressão são: *a*) bahias abertas, como Rio e Bahia; *b*) bahias parcialmente entupidas como Santos e Victoria; *c*) lagos costeiros formados pelo fechamento de estuarios, taes como Manguaba, Norte, Jiquiá, Sinimbú, etc.; *d*) antigas bahias completamente cheias; *e*) as linhas da costa, todas proximamente encostadas ao littoral, com a apparencia de terem sido formadas por depressão de terra; *f*) o canal soterrado em rocha no Parahyba (Cabedello), agora cheio de lodo, brejo e mangue, mostrando uma depressão pelo menos de 12 metros; *g*) sedimentos arenosos eolios abaixo do nivel das marés em Fernando de Noronha.

10. As evidencias de elevação são: *a*) praias do mar, elevadas especialmente na Bahia de S. Salvador e na costa do Estado da Bahia; *b*) terraços marinhos em Ilhéos, 8 metros acima do nivel da maré; *c*) linhas horisontaes de desintegração, 1 metro acima da maré alta, na Victoria, Espirito Santo; *d*) covas de ouriços-marinhos acima do nivel das marés em pontos onde seria impossivel viverem actualmente, como em Pedras Pretas, na costa de Pernambuco.

11. Dos dois movimentos, a depressão foi muito maior e a mais antiga.

12. A maior depressão teve provavelmente logar nos primeiros tempos pliocenicos.

13. Seguindo-se a depressão da costa no Plioceno, a terra firme foi desnudada, as boccas das bahias e estuarios fechados e a linha da costa rectificada.

14. Os recifes de arenito da costa formaram-se e endureceram depois da depressão.

15. Os recifes de coral da costa auxiliaram a formação das praias, e do mesmo modo protegeram a terra da acção destruidora das marés.

16. Tambem os recifes de arenito protegeram a terra e contribuíram para prevenir a invasão do mar.

17. Os mangues e brejos foram importantes agentes para

a formação da terra recentemente formada nos estuários e bahias.

18. As areias da costa não são de origem estrangeira, como se tem dicto, mas sim derivadas da terra firme adjacente, ou então têm sido trazidas pelos proprios cursos d'agua».

*
* *

M. Suess admitte que nos periodos oligoceno e mioceno uma cadeia de ilhas ou mesmo um continente, unia as Antilhas á Europa Meridional.

Não havendo, ou não se conhecendo nenhum deposito plioceno no litoral oriental dos Estados Unidos do Norte, bem como nas costas occidentaes de Grã-Bretanha, é de suppor-se que alguns restos da tão fallada Atlantida subsistissem. Sua desaparição não deixou de influir sobre as condições meteorológicas da Europa e, abrindo ás correntes tropicaes uma nova via para o norte, contribuiu para o augmento da humidade das regiões europeas.

O certo é que, segundo as comparações geologicas das costas do continente norte-americano e da Europa no hemispherio septentrional, parece provavel que nem sempre o oceano as separou. Foi Lyell quem despertou primeiro a attenção sobre o grande parentesco de estructura entre as duas costas oppostas; além disso, ha a mencionar as semelhanças da flora e da fauna fosseis dos dois continentes, segundo as pesquisas pateontologicas de Osw. Heer e Ed. Suess.

Houve, assim, um tempo, em que uma vasta faixa de terra firme, ou uma serie continua de grandes ilhas, se extendia desde o Mexico até ás ilhas geladas do norte da Russia: era na epoca terciaria, quando á sombra de gigantescas palmeiras circulavam os repteis anti-diluvianos e cruzava o espaço o magestoso Archeopteryx.

O philosopho Platão, no bosque de Academo, contou a seus discipulos a historia da Atlantida, dizendo que Solon, o grande legislador de Athenas, em conversa com os veneraveis sacerdotes de Saïs, soube que nos archivos daquela nação existiam documentos antigos a respeito de outra cidade de Athenas, anterior á sua patria, muito poderosa e florescente, até que a invasão de um povo occidental, oriundo da Atlantida, veiu atacal-a, porem, sem resultado, pois foi destroçada a sua poderosa armada. Na tal ilha Atlantida se havia levantado um reino tão poderoso que se assenhoreára de muitas outras terras, chegando o seu dominio a abranger toda a Lybia até o Egypto e a Europa até a Tyrrhenia.

E' acceito, sem discussão, que o primitivo povoamento do

tuem de conchas fluviaes, como no Amazonas e Tocantins, explorados e descriptos por Ferreira Penna, C. F. Hartt, J. B. Steese, Orville Derby; como os da costa atlantica, feitos de conchas marinhas e estudados por Hartt, Capanema, Derby, C. Wiener, C. Rath, Ladisláo Netto, A. Loefgren, von Ihering, von Kosentz, von den Stein, P. Ehesenreich, Koenigswald, Roquette Pinto, Schuppe e R. Krone, trazem luz sobre o typo da raça que em epoca immemorial habitou essa parte do paiz.

Não ha duvida que um dos maiores triumphos da sciencia é achar a incognita do problema da descendencia do homem americano, e á cohorte de sabios, estrangeiros e nacionaes, que se empenharam em tão sympathica empreza, não podemos deixar de trazer o nome de J. C. Branner, digno por muitos titulos, de nossa maxima admiração.

Os lithoglyphos e as pietographias, que se deparam ao viajante, podem perfeitamente oriental-o quanto á filiação e successão dos povos de uma epoca remota. A discripção lapidar da Serra de Anastacio, descripta por von Martins, apresenta caracteres graphicos identicos aos que se encontram na Siberia e são até semelhantes aos punicos.

«Nos sertões de Pernambuco, alem de outros que se contam pelo Exú, Cabrobó, Itaquiara, na margem esquerda do rio S. Francisco, o geologo J. C. Branner vio e descreveu a do rochedo da *Cacimba Cercada*, á margem do rio Garanhunzinho, massiço de gneiss em decomposição com um bloco superposto de tres metros de comprimento e cerca de dois de largura, tendo n'uma das faces um asterisco de cerca de trinta centimetros de diametro, feito de quatro linhas cruzadas em angulos iguaes e cavadas na rocha até ficarem os sulcos bem polidos, e n'outra face tres fileiras de pontos ou endentações da extensão de 75 centimetros, tambem incisos na rocha, sendo para notar que os sulcos da inscripção foram pintados de vermelho escuro, como ainda hoje se vêem».

«Na lithoglypho de *Pedra Pintada*, a dez leguas da villa Aguas Bellas, e, nos pictographias, que alli se encontram, entre rochedos e lageados graniticos, vio Branner varias figuras, como circulos com os respectivos centros assignalados, espiral representando uma cobra, circumferencias formadas de pontos e linhas interrompidas, figurando collares de dentes ou de contas, linha ondeada com o aspecto de serpente, um circulo com outro concentrico e todo pontuado de maneira a representar uma *urupema*, ou cesto, pequenos circulos ligados por linhas rectas, simulando uma rede de pescar, diversos asteriscos de oito e mais raios, linhas que parecem representar um grande peixe, desenho regular de insectos, etc. Todas estas figuras são gravadas na rocha, ou pintadas, ou ainda gravadas e pintadas ao

mesmo tempo; representam animaes e coisas que poderiam significar os nomes de varios individuos, que naquellas vizinhanças tiveram o seu jazigo».

«Em Alagôas e Sergipe não faltam tambem inscrições lapidares. Nas enconstas escarpadas das serranias da chapada da Bahia ha diversas, estudadas por J. C. Branner, que as encontrou na *Serra do Mulato*, no valle de S. Francisco».

*
* *

O Estado da Bahia, com a sua extraordinaria riqueza mineral e com a grande extensão de depósitos metalliferos, é uma das partes mais favorecidas do Brasil. A mais importante de suas industrias deveria ser a mineração, que lhe proporcionaria uma grande parte de receita; entretanto, a industria extractiva se reduz a um pouco de ouro retirado das minas de Jacobina, e de alguns diamantes e carbonados vindos da chapada Diamantina. Deve este rico Estado uma grande somma de serviços ao dr. Branner que, contribuindo com o seu saber para a solução do problema ethnologico, estudou os terrenos diamantinos, sendo tambem o primeiro a estudar a sequencia geologica das rochas da Bahia Central. A matriz do diamante, segundo o dr. Branner, é o quartzito, com veieiros proximate verticalaes, sendo o terreno composto de granito, gneiss, schistos e velhas eruptivas. As series, que contém os diamantes, alem do quartzito, comprehendem o itacolumito e conglomerados. Se bem que haja determinado a origem da gemma, observou a pedra preciosa *in situ*, e a maior parte dos diamantes explorados se encontra nos alluviões, nos rios, nos bancos do rios e nos seixos.

Parodiando as palavras do dr. Gorceix que disse ser o Estado de Minas um peito de ferro encerrando um coração de ouro, podemos dizer que o Brasil é um peito de ouro contendo um coração de diamante. Mas, onde está esse coração? As arterias diamantinas se estendem a 200 kilometros de norte a sul, do Norte da Bahia ao Paraná e vão de leste a oeste, a Goyaz e a Matto Grosso. O coração talvez esteja na Bahia, cujo palpitar foi bem sentido pelo illustre geologo dr. Branner; mas, não se limitou, ali, a acção bemfazeja do notavel naturalista, que poudo verificar *de visu* a asserção do illustrado ex-director de Escola de Minas de Ouro-Preto: foi a Minas e demonstrou-se em Diamantina, cuja cidade, situada no valle do Jequitinhonha e collocada no alto de um chapadão limitado dos dois lados por barrancos escarpados, domina um panorama extenso e admiravel. Confirma plenamente o que diz um poeta diamantinense:

«Vinde, amigos; oh! vinde presurosos
 Bemdizer uma vez meu patrio berço.
 No solo hospitaleiro,
 No adamantino cofre do Universo
 Nos atacam os olhos cubiçosos
 De avido estrangeiro.»

Mas, este estrangeiro, que vos visitou, ó diamatinenses, é vosso amigo. Quando, na parte editorial do *Eng. and Mining Journal* de 29 de Setembro de 1905, em resposta a um pedido de informações, na seção «Questions and Answers», se escreveu que «Diamantina é um bom lugar para ser evitado», uma rectificação energica, acompanhada de justos elogios, foi feita pelo dr. Branner no mesmo periodico, a 20 de Outubro do referido anno.

Gratos tambem devemos ser ao que o illustre geologo amigo escreveu na revista *El Estudiante Latino* de Nova York, no qual inserio honrosas noticias sobre o Brasil e sobre os brasileiros, não lhe passando, sem admiração, até o esforço de um illustre prelado brasileiro. Diz elle:

«No anno de 1879 visitei a cidade de Diamantina, provincia de Minas Geraes. N'uma villa visinha, chamada Beribery, achei uma bem montada fabrica de tecidos, conhecida por toda a parte como a «fabrica do Bispo», estabelecimento, onde se empregavam centenas de pessoas e que fabricava de algodão alli cultivado uma especie de panno chamado brim mineiro. Naquella região, tão longe da costa, tão remota das estradas de ferro, a fabrica, composta de tantas peças e machinas tão pesadas e ao mesmo tempo tão delicadas, pareceu-me um verdadeiro milagre. Porque, naquella epoca, a Estrada de Ferro Pedro Segundo, hoje chamada Central do Brasil, só chegava á estação do Sitio, logo ao sul de Barbacena; e no anno da inauguração da fabrica, creio que a ultima estação era Juiz de Fora. As estradas, que tinha atravessado na minha viagem a Diamantina, pareciam, em certos logares, proprias só para os ratos. Carro por alli não passava, nem de quatro rodas, nem de duas nem de roda alguma. Em vista das distancias e das difficuldades no transporte de machinismos pesados, e no estabelecimento de uma industria que demandava trabalhadores peritos e regulares, fiquei muito interessado na historia da empresa e dou aqui um breve esboço do relato recebido da familia do proprio Bispo.

«O bispo de Diamantina, fundador da fabrica, era membro de distincta familia mineira, e irmão do dr. Joaquim Felicio dos Santos, o distincto historiador, autor da Historia do Districto de Diamantina e senador do Imperio. Interessando-se pelos or-

phams da sua diocese e querendo tornal-os independentes, o bispo lembrou-se de procurar para os mesmos algum emprego que pudesse, ao mesmo tempo, servir aos habitantes do districto diamantino. Não obstante a distancia do Rio de Janeiro a Diamantina (mil kilometros ou mais) e não obstante a falta de estrada de rodagem, sem falar de estrada de ferro, o bispo mandou comprar em Massachussets todo o mecanismo necessario para uma grande fabrica de tecidos e, ao mesmo tempo, chamou um homem de experiencia capaz de montar tudo, para dirigir o serviço e ensinar os operarios. Com o tempo, as cargas chegaram ao Rio, foram despachadas e chegaram ao fim da linha da estrada de ferro, naquelle tempo mais ou menos na altura de Juiz de Fora.

De lá embarcadas em carros pesados, de duas rodas de madeira, puxados por bois, fizeram a viagem penosa ás cabeceiras do rio das Velhas.

Alli, o bispo mandou construir barcas especiaes para leval-as rio abaixo até á latitude de Diamantina. Do porto de desembarque, na margem do Rio das Velhas, mandou abrir, pela matta virgem, uma estrada de rodagem, e as machinas, carregadas de novo em carros puxados por bois, chegaram, afinal, a Beribery, perto de Diamantina, logar escolhido para a fabrica. Sinto não me lembrar, com certeza, do anno da inauguração do serviço da fabrica; mas, quando passei por lá, em 1879, ella já estava funcionando ha muitos annos e dava emprego a centenas de pessoas, n'um serviço bem estabelecido, que não só animou a cultura do algodão em Minas Geraes, mas era uma santa graça para o povo de toda aquella região, alem de fornecer brim, para todo o mundo, a preço rasoavel. E tudo isso e muito, muito mais era o resultado dos esforços de um só brasileiro, o patriótico bispo da Diamantina.

«O tempo que levou para estabelecer esta empresa, o dinheiro que custou, os trabalhos que deu, só saberá apreciar devidamente quem tiver tido experiencias com os bois bravios, os carros pesados, e as estradas impossiveis daquellas partes do Brasil naquelles tempos, sem falar das embarcações e das difficuldades de navegação do rio das Velhas e de carregar e descarregar pesos enormes.

«Mas o bispo de Diamantina não ficou satisfeito com aquelle serviço publico. Lembrando-se de que os diamantes de Diamantina eram mandados todos para a Europa para alli serem cortados e polidos, e depois muitos delles vendidos ao Brasil mesmo, mandou vir machinismos e pessoas competentes para dar instrucção no preparo dos brilhantes, e estabeleceu alli em Diamantina uma industria que logo deu emprego á mo-

«Di-
vidoso
opportu-
humana?

Brasil
espaç
zer o
remo
rida

um
de
gi
fo
g
tr
a

«Dizia o Bispo: "Dar esmolas aos pobres é serviço duvidoso quer a Deus, quer aos pobres, mas, dar aos pobres oportunidades de ganhar a vida é genuino serviço á raça humana". Amen».

*
**

Tendo dado uma pallida idéa da acção do dr. Branner no Brasil, já é tempo de attender á restricção, que me impõe o espaço do qual devo dispor nesta Revista; mas, seja-me licito dizer que não foi estranha ao illustre scientista a questão dos «terremotos do Brasil», e seja-me licito dizer alguma coisa suggerida pelos livros que tenho lido.

E' certo que a nossa lithosphaera tende a approximar-se de um tetraedro, a uma forma geometrica; e as suas deformações obedecem a uma lei relativamente simples. Como ainda não attingio a forma ideal de sua estabilidade, o traço essencial das deformações se revela na dissymetria do relevo, a qual, nas regiões, em que mais se accentua, frequentemente se acompanha de tremores de terra, constituindo um exemplo o que presenciamos a 27 de Janeiro do corrente anno.

O exame da carta oro-bathymetrica do Heiderich, na parte relativa ao Brasil, mostra, principalmente entre os parallelos 15° e 30°, que as grandes profundidades, em vez de occuparem o centro do oceano, são rejeitadas para os bordos, formando grandes fossos.

De outra parte, as medidas da intensidade do peso, feitas na superficie dos continentes e nos oceanos, vêm confirmar a a hypothese de Pratt, formulada ha 50 annos, segundo a qual a densidade da crosta terrestre é mais forte nas depressões do que nas saliencias da superficie da lithosphaera. O peso apresenta, em media, anomalias positivas na superficie dos oceanos, e negativas na superficie dos continentes. Assim é que na Europa se vê que as regiões das dobras alpinas e os massiços antigos recentemente levantados, como a Escandinavia, são a séde de anomalias negativas e correspondem a uma parte da crosta terrestre menos condensada. Nos oceanos, mesmo, o peso não é uniforme, mas apresenta anomalias bem grandes na visinhança dos fossos profundos, como o fosso de Touza no Pacifico. E' preciso que haja uma compensação, que garanta ás fórmulas geraes do relevo uma certa estabilidade. E como a compensação não é nunca satisfeita, nem attinge o valor esperado, não deve causar extranheza o facto de ser a crosta terrestre affectada ainda de movimentos que dão logar a esses tremores que, periodicamente, nos assustam. E é de notar-se que as zonas mais

frequentadas pelos tremores correspondem ás zonas onde mais se accentua a dissymetria.

O dr. Branner publicou em 1912, sob o titulo *Terremotos no Brasil*, um bom trabalho sobre o assumpto no «Bulletin of the Seismological Society of America».

Diz o grande geologo que «embora nenhuma parte da terra esteja inteiramente livre dos terremotos, o Brasil é talvez menos perturbado que qualquer outra porção do globo de igual tamanho. A occurrencia de falhas e de superficies polidas pelo attrito (*slickensides*) nas rochas mostram que nas eras geologicas passadas houve terremotos no Brasil, porem elles são agora de rara occurrencia e de pouca importancia.

«O numero de todos os terremotos registrados no Brasil, até o anno de 1912, não passa de uns 60, e estes de uma intensidade tão baixa que nunca chegaram a ser catastrophes ou o fazer estragos».

O dr. Branner publicou um mappa do Brasil, mostrando as areas em que se assignalam os tremores de terra. No seu trabalho figura tambem a lista de todos os tremores desde 1560 até 1912, no qual se vê que a zona mais frequentada comprehende Minas, S. Paulo e Rio. Esta lista, bem como muita coisa util aos brasileiros, contem a *Geologia Elementar*, magnifica obra do illustre geologo, que a preparou com referencia especial aos estudantes brasileiros. O autor do prefacio diz ser «a primeira tentativa para a nacionalização do estudo elementar da geologia no Brasil, que era até aqui feito por compedios franceses, sem nenhuma referencia a esta parte do continente sul-americano». A magnifica obra, que tracta da geologia dinamica, estructural e historica do Brasil, é um grande serviço prestado á instrucção do paiz.

*
**

Tinha razão o vlejante francez que no começo do seculo passado nos dizia:

«Les Brèsiliens se sont acoutumés á dedaigner les bienfaits dont la Nature les a comblés».

E' custoso dizer-se, mas é a pura verdade: o Brasil não é conhecido pelos brasileiros.

Quem é que conhece e lê no Brasil as obras do Principe Wied, da princeza Thereza de Baviera, do principe Adalberto da Prussia, de von Schudi, de L'allemand, de W. Letwer, do Dr. Ehrenreid, de von den Stein, von Pahl, von Spix, von Martins, etc.? Não ha muito, Fritz Krauce, director do museu ethnographico de Leipzig, fez uma viagem ao nosso Araguaya, a qual se acha descripta n'um volume de 500 paginas. Descreve

esse cientista os costumes dos indios Carijós, Savagés e Cayapós. Mais de 300 bellas photographias e muitissimas estampas, dois mappas geographicos e um dictionario da lingua daquellas tribus, acompanham esta obra scientifica e instructiva. Com suas colleções de mais de 1100 objectos usados pelos indios, enriqueceu o autor, como elle mesmo diz, o museu da cidade de Leipzig. Qual a mulher brasileira de nossos tempos que se compara a Mme. Condreau, que explorava com seu marido as insalubres regiões da Guyana, subindo os rios do Brasil povoadas de indios nas sua margens e continuando, após a morte de seu marido em 1899, as suas explorações scientificas?

Devemos ao dr. Branner «A Bibliography of the geology, mineralogy and paleontology of Brasil», em que figuram os nomes dos cientistas nacionaes e estrangeiros que trazem os resultados de seus exforços no sentido do conhecimento exacto do Brasil e de sua vida atravez dos tempos.

Se podemos mencionar, entre os brasileiros, os nomes de João Pandiá Calogeras, Luiz Gonzaga de Campos, Miguel Arrojado Lisbôa, Costa Sena, Eusebio de Paula Oliveira, Benedicto José dos Santos, Euclides da Cunha, Luiz Caetano Ferraz, Alvaro da Silveira, e outros discipulos de Gorceix e dignos continuadores da obra de Branner, o esforço nacional é ainda pequeno relativamente á contribuição estrangeira.

E' de lamentar-se que os melhores escriptos sobre o Brasil sejam redigidos em linguas estrangeiras e não nos sejam accessiveis, sendo incrível que em outras nações se conheçam tantas cousas referentes ao nosso paiz, as quaes desconhecemos eompletamente, não cogitando o governo de mandar traduzir essas obras para serem lidas em nossas escolas e substituirem muitas futilidades que occupam logar no cerebro da mocidade brasileira.



Traçando-se as vicissitudes e os progressos da vida vegetal ou da vida animal, seria facil mostrar as diversas ordens apparecendo alternativamente em epocas determinadas, chegando alternativamente a seu maximo de desenvolvimento, depois extinguido-se uma após outra, transmittindo-nos apenas representantes raros e debeis de typos outr' ora ricos e vigorosos. Se o fundo commum da natureza fica sempre identico, a forma que elle reveste pode renovar-se e renovar-se em realidade.

A admiravel concepção da evolução dos sêres admitte como criterio o character arborescente do desenvolvimento organico, tomado para estandarte o typo monopodial quem se observa no vegetal completo. Nesta especie de ramificação, o

tronco principal differencia-se em ramos, que vão cada vez menos contendo feixes fibro-vasculares, até que terminam em ramos musculós. Entretanto, o typo monopodial é insufficiente para explicar todos os phenomenos da vida organica. A sciencia mostra que é inexacta a concepção da evolução n'um de seus aspectos e contrapõe, á antiga noção do desenvolvimento linear, a concepção do desenvolvimento *sympodial*. Nesta especie de ramificação, a haste principal ou tronco eleva-se até certa altura; então um ramo se destaca, em que entra a maior parte dos feixes fibro-vasculares, de modo que o ramo se torna realmente o tronco, e a parte ascendente, ou verdadeiro tronco, reduz-se a um ramusculo que, por falta de seiva, se atrophia, desaparece. O ramo, que surgiu, por sua vez é sacrificado da mesma maneira a um outro que d'elle nasce, e este *processus* se repete atravez da vida da arvore ou da planta (a videira serve de exemplo).

Com a theoria de que a evolução é *sympodial*, desaparece a objecção concernente ao desenvolvimento de certas plantas nas eras geologicas.

O principio da dichotomia *sympodial* rege a evolução dos seres e tem a sua verificação tambem na evolução das sciencias, segundo nos diz o eminente sociologo americano Lester F. Ward.

Na historia humana encontramos esse principio na arvore sociologica das raças. Assim, diz Ward, existe um parallelismo, muito notavel entre os phenomenos que chamamos, de uma maneira vulgar, o nascimento, a queda das nações e dos imperios, e o nascimento e a queda dos grandes typos de seres vivos durante a marcha da historia geologica. Quando, pela imaginação, descortino o passado e vejo a terra povoada, por assim dizer, destas formas vegetaes differentes em cada epoca, apresenta-se a meu espirito uma imagem de elevação gradual, da dominação última ou hegemonia e da culminação final de cada um dos grandes typos de vegetação, seguida de seu declinio, no momento em que nasce o typo que lhe deve succeder. Esta marcha rythmica da evolução desdobra-se atravez de toda a historia do planeta, e o caminho da historia geologica é juncado das ruinas dos imperios vegetaes desaparecidos, exactamente como o da historia humana é coberto das ruinas dos imperios politicos e das raças decahidas.

O que se tem observado no curso da historia é que as raças, as nações crescem desmesurada e excessivamente e tornan-se presa facil dos povos mais vigorosos. No momento em que as raças e os povos adquirem uma grande energia vital, transplantam-se para um novo solo, deixando declinar a mãe

patria:
exemphespa
antig
perit
do
anve
d
r

patria: os Estados Unidos da America do Norte constituem um exemplo actual.

Onde está o grande imperio dos Incas, destruido pelos hespanhoes? Onde estão os povos da Atlantida? Que é feito dos antigos esplendores do Oriente? Onde se acha o grande imperio romano? Onde está a Hespanha, que dictou leis ao mundo no seculo XVII? Onde está a Allemanha, que ha poucos annos tinha a soberania dos povos?

A França decae, dia a dia, dessa culminancia, em que esteve collocado pelo seu maximo desenvolvimento; a Inglaterra, a despeito de seu ouro, que suborna uma alliança muito instavel, não pode proseguir no seu objectivo patriarchal; os alliados terão de retroceder.

Estamos na epoca, em que a hegemonia se prepara na America. Elo glorioso da cadeia tradicional que tem grangeado muitas etapas de caracteres adquiridos na evolução gradual por lentas e successivas transições, cabe-nos a ingente tarefa de governantes, pois apresentamos o maximo expoente da intellectualidade e, obedecendo á lei de Mendel, devemos ter uma forte porcentagem dos elementos dominantes exigidos pela selecção natural, e temol-os em estado latente, convindo que sejam despertados a bem da humanidade.

Em um discurso de saudação, uma intelligente alumna do primeiro anno do curso normal disse que «o successo da Suisa e dos Estados Unidos repousa principalmente na educação e na instrucção da mulher. Quem poderia negar a acção influente da mulher na felicidade politica dos povos?

«A grande missão da mulher é a de crear o lar, ennobrecer os trabalhos da vida, diminuir os soffrimentos inevitaveis e auxiliar a humanidade nas luctas pelo progresso. Mas, para isso, ella precisa de instrucção adequada».

Com effeito, é incontestavel que a mulher tem no temperamento moral das creanças muito maior influencia do que o pae, podendo provir isto, não só da hereditariedade, mas tambem de que a educação das creanças é quasi completamente confiada ás mães na idade em que as impressões profundamente se gravam no espirito e no coração. Ora a mulher, com a sua natureza nervosa, com a predisposição de communicar a todos os que a rodeiam as differentes emoções que sente, deve ter influencia directa na sensibilidade dos filhos que forma para a vida. Assim se tem notado que todos os grandes homens, principalmente os que se distinguem pelo sentimento, têm tido, por mães, mulheres de uma intelligencia superior.

Ha um objectivo mais nobre e muito elevado a ser alimentado pelas moças que frequentam as nossas escolas normaes.

E' preciso que se eduquem, é mister que se instruem e

se instruem bem, sem que poupem as sciencias, por mais aridas que pareçam. O estudo das maravilhas da natureza ou, como diz Spencer, o grande poema epico que o dedo de Deus escreveu sobre as camadas da terra, o estudo dos phenomenos que as rodeiam, darão azas á sua imaginação, instruirão e interessarão o seu espirito. E quando o dr. Branner, depois de dictar aos brasileiros um programma, que lhes trará um bem estar aconselha ás mulheres que se instruem, por serem uma força importante para o futuro do paiz, é porque sabe qual a missão grandiosa que se reserva para o Brasil, havendo necessidade de se formar a base da geração vindoura, da qual depende a gloria de nossa patria e a felicidade da America.

FRANCISCO Z. PENTEADO

(Lente de Mathematica)

das
como
scre-
nos
in-
de
ar
a
o

SUGGESTÕES E PROGRAMMA PARA O ENSINO DE FRANCEZ NAS ESCOLAS COMPLEMENTARES E NORMAES

No ensino de linguas vivas, como no de sciencias e de artes em geral, o melhor método, parece, é aquelle que resume e abrevia a marcha seguida pela humanidade, na aquisição do conhecimento de que se trata; será assim um método natural, e, no caso do apprendizado de linguas vivas, o chamado—método directo. Tenha este os defeitos que tiver, é o único actualmente em voga, capaz de levar o estudante á posse integral da lingua estrangeira, para fazer uso della com o desembaraço e segurança com que usa a lingua materna. Entretanto, em nossos institutos pedagógicos, é difficil sua applicação perfeita ao ensino do francez. Não é escasso o tempo destinado a esta disciplina, dedicam-lhe elles quatro annos—dois no curso complementar e dois no normal; mas a lotação excessiva das respectivas classes impossibilita um dos fins visados;—falar o estudante este idioma como si falasse o de sua gente. Dahi, a necessidade de algumas concessões; e para alcançar os fins que vamos enunciar, em sua ordem decrescente de importancia, hoje e em nosso meio, aconselhamos as normas abaixo, na supposição de orientarem ellas o que, sobre o assumpto, de melhor é possível agora fazer.

Accentuemos primeiramente que o ensino do FRANCEZ nas Escolas-normaes, visa dar aos estudantes aptidão para :

- I—ler e entender a lingua sem difficuldades, tendo-a como vehiculo prompto e seguro para a aquisição de novos conhecimentos;
- II—ouvir, quando falada por outro, e comprehendê-la sem esforço;
- III—falar e escrever, de modo a se fazerem facilmente comprehendidos.

*
* *

Para realizar estes fins, o professor, no curso complementar,

- I—abster-se-á, *quanto possível*, desde os primeiros dias de aula, de usar a lingua materna; o uso continuado e quasi exclusivo do francez educará os ouvidos dos alumnos, tornando-os aptos a entenderem-no, quando ouvido;

- II—empregará, nas primeiras lições, sentenças curtas que possam ser explicadas pela gesticulação que as acompanhe, pois os gestos são a linguagem mais geral e por todos comprehendida; assim a imagem auditiva das palavras estrangeiras ligar-se-á directamente aos objectos significados ou á acção exercida, evitando-se a ligação de palavras da nova lingua com palavras da lingua materna;

- III—fará, em começo, uso dos verbos mais communs na conversação ordinária, regulares ou irregulares, não importa, empregando-os nos tempos simples e em número que irá crescendo sempre e o mais possível, porque são elles a alma da linguagem e a categoria de palavras que primeiro e mais profundamente aprendemos;

- IV—e nas primeiras lições, usará os verbos na 3ª pessoa do singular depois na 1ª, tambem do singular, e na 2ª do plural, conjugando assim os verbos e phrases e evitando a conjugação systemática, por um paradigma adoptado; só depois de bem firmes os tempos simples usará os tempos compostos;

- V—como complemento das lições oraes, fará escrever pequenas sentenças affirmativa e depois negativa e interrogativamente, com uma palavra dada, depois com duas e com mais: isto logo que o vocabulário permitta esse exercício, abstendo-se, porém, de ordenar versões de phrases dadas na lingua materna;

- VI—depois de muitas sentenças isoladas, dará uma gra-

- vura suggestiva da qual os discipulos farão a descripção oral e em seguida a escripta; e, no fim do curso complementar, lerá uma vez ou mais uma historieta, fará um dos alumnos repeti-la oralmente e depois todos repetirem-n'a por escripto;
- VII—na escolha do vocabulário, procurará formar a trama da linguagem, dando primeiro e em maior quantidade os verbos, alguns substantivos communs de uso constante e alguns qualificativos; em seguida, palavras que indicam relação de posição; com este cabedal adquire-se o jogo da linguagem, que deve ser bem praticado, para depois tratar-se de enriquecê-lo;
- VIII—depois que o pequeno vocabulário, constituido principalmente por verbos, como ficou recommendado, estiver fixado seguramente pela audição e que a forma gráphica estiver tambem fixada pela escripta, adoptará um livro bem facil para a leitura;
- IX—antes que a classe leia a lição, prepará-la-á com os alumnos, de modo que, ao abrir o livro, não encontrem elles difficuldades; lida a lição que, de preferencia, será uma historieta ou uma anedota, os alumnos expô-la-ão oralmente, sem a traduzir, entretanto, salvo em casos excepcionaes, como para dar o correspondente de phrase idiomatica;
- X—escolherá historietas interessantes ou anedotas bem apanhadas e fará os estudantes aprenderem-n'as para repetirem de cór ou com linguagem própria; tambem fá-los-á memorizar poesias curtas, bonitas e faceis, que recitarão em classe;
- XI—á medida que os discipulos se adiantarem irá exigindo melhor interpretação do trecho lido; melhor ligação entre as phrases descriptivas, oraes ou escriptas, da gravura dada; bem como o emprego constante de phrases idiomaticas;
- XII—não fará ensino systemático de grammática; falando e escrevendo, as regras grammaticaes são naturalmente applicadas e inconscientemente fixadas; lendo trechos escolhidos vem a oportunidade para o estudo e conhecimento da concordancia do verbo com o sujeito, dos verbos de predicção completa e incompleta, dos complementos em suas relações com o resto da sentença, das flexões de genero e número dos nomes e dos adjectivos, da flexão pronominal, etc, sem preocupação taxiononica;

- XIII—escolherá os assumptos pela facilidade de objectivar as lições, pelo interesse que despertem, podendo seguir a seriação aconselhada por um mestre da matéria:—a escola, os jogos, os números, o tempo, a temperatura, o corpo humano, a alimentação, o vestuário, as operações dos sentidos, a saúde e a doença a casa e a familia; em seguida—os aspectos, as occupações e os prazeres do campo, as principaes manifestações da vida das cidades, as profissões, as noções geraes sobre os grandes phenomenos naturaes;
- XIV—resumindo, falará e fará que seus discipulos falem o francez. (Esta condição, difficultada pelo número de alumnos da classe, será attendida na medida do possível); dará abundantes exercícos escriptos, empregando o vocabulário conhecido; obrigará os estudantes a lerem em voz alta, pronunciando claramente todas as palavras: abster-se-á de versões, de traducções e de decoraçáo de regras de grammatica, e terá preparado seus discipulos para enfrentarem o curso normal.

PROGRAMMA

CURSO COMPLEMENTAR

Segundo anno (Primeiro de francez)

— CONVERSAÇÃO —

- I—Sentenças curtas, affirmativas, com sujeito claro, verbo regular ou irregular, de uso constante, no presente, terceira pessoa do singular, proferidas pelo mestre e repetidas pelos alumnos, utilizando-se de objectos existentes na classe ou para lá, a propósito, levados, e, na falta destes, de gravuras grandes e nítidas.
- II—Os mesmos exercícos, usando os alumnos os pronomes *il* e *elle*.
- III—Os mesmos exercícos, ampliando o número dos verbos mais communs e usando-os na primeira pessoa do singular e na segunda do plural; uso dos pronomes *je* e *vous*.
- IV—Sentenças negativas que pódem ser usadas desde a terceira ou quarta aula, moderadamente.
- V—Os mesmos exercícos, introduzindo sempre novos

- verbos e empregando-os na primeira pessoa e na terceira do plural; uso dos pronomes *nous, ils, elles*.
- VI—Continuam os exercícos de conversação, preocupando-se o professor com augmentar o vocabulário, especialmente com verbos, depois com substantivos e qualificativos; flexão de número e gênero dos nomes e dos adjectivos empregados nas sentenças.
- VII—Uso dos verbos no imperfeito, no futuro e em outros tempos simples.
- VIII—Emprego dos possessivos—*mon, ton, son*, antes de nomes femininos; uso de *son, sa, ses, leur e leurs*; emprego dos qualificativos *bel, nouvel, fol, mol e vieill*.
- IX—Os numeræes devem ser empregados desde as primeiras lições, a principio contando objectos existentes na classe e, depois, em exercícos sobre as operações arithméticas fundamentaes.
- X—Os pronomes possessivos, empregados em sentenças curtas de modo a tornar bem clara a sua função.
- XI—Os exercícos de conversação poderão versar sobre 1) a escola, objectos ahi existentes, nomes de figuras geométricas, terminologia musical, etc. 2) as operações dos sentidos, 3) as partes do corpo, 4) o vestuario, 5) a alimentação, 6) a casa e a familia, 7) a saude e a doença, 8) os dias, os mezes e as horas, 9) os jogos. Utilize-se o professor dos objectos de que disponha, e, na falta, de gravuras grandes, coloridas e bem feitas.

Escripta

- I—Começando na sexta e setima aula, como complemento das lições oraes, o professor escreverá, no quadro negro, as sentenças elaboradas pela classe, sentenças que serão lidas uma a uma e depois todas ao mesmo tempo.
- II—Fixada a graphia de um pequeno vocabulário, o professor escreverá as perguntas no quadro negro e os alumnos, em papel, escreverão somente as respostas, que serão immediatamente corrigidas.
- III—Formação e escripta de sentenças pelos alumnos—*a)* com uma e depois com duas palavras dadas; *b)* livremente, em face de uma gravura exposta á classe.

- IV)—Ligação de sentenças escriptas, formando a descrição de uma gravura ou descrevendo uma acção exercida por alguém.
- V)—Alguns dictados, pequenos e rápidos, que, depois de corrigidos, deverão ser copiados a limpo. Também devem ser passados a limpo todos os exercícios corrigidos pelo professor.

Recitação

- I)—Decoração de poesias, aneddotas, historietas, bem pequenas e bem faceis, e recitação em voz alta, perante a classe.
- II)—Diálogos decorados e recitados pelos alumnos, procurando, quanto possível, a naturalidade das conversações ordinárias.

Leitura

No fim do segundo mez de aulas, ou quando o professor julgar conveniente, adoptar-se-á um livro facil de leitura. A lição será previamente preparada, em palestra e no quadro negro; depois será lida pelo professor e, em seguida, relida por alguns dos alumnos. Seguir-se-ão perguntas, pelo mestre, sobre o objecto da lição e resumo oral (em francez) do trecho lido, por dois ou mais alumnos.

Terceiro anno (Segundo de francez)

— CONVERSAÇÃO —

Exercícios de conversação, em face de gravuras attrahentes que toda a classe veja com facilidade, versando sobre

- I)—a vida nas cidades—as profissões, o mercado, moedas, vehiculos, correio, hotéis, edificios públicos, jardins, viagens por estradas de ferro e por mar;
- II)—a vida no campo—os animaes demésticos, plantação e colheita, os cereaes, os fructos e as fiôres;
- III)—a natureza—os grandes phenómenos naturaes, accidentes do sólo, denominações dadas ás aguas;
- IV)—a sociedade—o cidadão, o governo, a justiça, a caridade.

Questões de grammática

No correr das conversações, attender-se-á, principalmente, alem da formação do vocabulário;

- I—á pratica dos verbos em todos os tempos, modos e pessoas;
- II—aos gráus dos nomes e dos adjectivos e ao emprego de *meilleur* e *mieux*, *pire* e *pis* e *moindre*;
- III—á elisão e á contracção do artigo;
- IV—aos adjectivos demonstrativos e aos pronomes demonstrativos;
- V—ao emprego de expressões idiomáticas correntes, que devem ser dominadas pelos estudantes;
- VI—á análise das sentenças simples que será feita do seguinte modo:
 - a) escrever-se-ão muitas no quadro-negro, sublinhando o sujeito com um traço e o predicado com outro.
 - b) novas sentenças, sublinhando-se o sujeito com um traço, o verbo com outro, e o objecto directo com outro.

Escrepta

- I—Descripção escripta de gravuras, já oralmente descriptas pelos alumnos, com auxilio do professor;
 - II—Reproducção escripta de historietas, bem pequenas e muito faceis, lidas e explicadas pelo mestre e reproduzidas oralmente por um ou dois alumnos.
 - III—Cópia a limpo dos trabalhos escriptos, corrigidos pelo mestre.
- Far-se-ão tantos exercícius escriptos quanto o professor puder corrigir.

Recitação

Decoração de poesias curtas, anedotas e historietas faceis para serem recitadas, em voz alta, perante a classe. Leitura declamada de poesias e trechos escolhidos, previamente preparados.

Leitura

Escolher-se-á um livro facil, de contos resumidos e interessantes. A lição será preparada, em classe: o professor fará a leitura em voz alta e explicará a significação dos termos des-

conhecidos e das phrases idiomaticas que ella encerre. No dia seguinte, será lida pelos alumnos e por elles interpretada oralmente. Importa que os alumnos se acostumem a ler, a entender o que leem sem traduzir, e a interpretar na mesma lingua o trecho lido,

CURSO NORMAL — 1º ANNO

Leitura

Deve o estudante ler muito e procurar entender o que lê, afim de fazer da lingua um vehiculo para obtenção de conhecimentos; por isso, em duas das três aulas semanaes de francez far-se-á *leitura* e, em seguida, interpretação oral do trecho lido.

Adoptar-se-ão dois livros-um de historietas, fábulas, anedotas interessantes e resumidas, cada uma das quaes possa ser lida inteira por só um alumno e interpretada facilmente, e o outro apropriado ao augmento do vocabulário e ao exame das questões grammaticaes.

Conversação

Terminada a leitura da lição do 2º livro, por nós proposto, um dos alumnos arguirá a outro, fazendo-lhe cinco ou seis perguntas, sobre assumptos do trecho lido; o arguido fará a outro collega outras tantas perguntas, e assim quatro ou cinco dos estudantes arguirão a collegas seus. Para isso, o alumno, preparando a lição de leitura, preparará tambem as perguntas que deverá fazer, caso seja o chamado. Por sua vez, o professor fará á classe, a respeito da lição lida, as perguntas que julgar convenientes.

Recitação

Consagrar-se-á uma parte das aulas de leitura, quantas o professor entender necessarias, á recitação de poesias curtas e faceis, contos anedoticos interessantes, decorados em casa, bem como á leitura expressiva de trechos literários, cuidadosamente escolhidos pelo mestre e previamente preparados em classe.

Escrepta

- I—Formação de sentenças com o emprego de expressões idiomaticas fornecidas pelo professor;
 - II—Reproducção de historietas lidas ou narradas pelo professor.
- Preparando esta ultima lição escripta, o mestre narra

a historieta, pela primeira vez, explicando as phrases mais difficeis e escrevendo, no quadro-negro, as palavras desconhecidas.

A segunda narração, lenta, com as palavras bem articuladas, seguir-se-á immediatamente á primeira, para que os alumnos apanhem o assumpto como um todo. Um delles, em seguida, fará a narração (sempre em francez). Verificado que seja estar ella bem comprehendida, todos a escrevem.

III—Descripção escripta de gravuras, já oralmente descriptas pelos alumnos com o auxilio do professor.

Questões grammaticaes

Não se fará ensino systemático de grammática. Convirá, porêm, nas primeiras aulas, continuando o estudo feito da sentença simples

- I—ampliar o conhecimento sobre o sujeito, o verbo e o objecto;
- II—reconhecer os attributos e os complementos;
- III—separar e reconhecer as clausulas das sentenças complexas e das compostas.

No correr das aulas de leitura (do 2.^o livro proposto) e em aulas de escripta, o professor explicará as questões interessantes de grammática que apparecem. Insistirá, entretanto, com cuidado especial, sobre as seguintes :

- I—Conjugação, por inteiro, dos verbos auxiliares *avoir* e *être*, e dos verbos paradigmas—*aimer*, *finir*, *recevoir* e *rendre*. Observações sobre a graphia de alguns verbos regulares como *manger*, *appeler*, etc.
- II—Os numeræes—graphia de *vingt* e de *cent*, uso de *mil* e de *mille*.
- III—Emprego do possessivo *en*, em sentenças dictadas e escriptas no quadro-negro e em outras formadas pelos próprios alumnos.
- IV—Emprego dos pronomes *se* e *soi*.
- V—*En* e *Y* usados como pronomes.
- VI—Os relativos *qui* e *que*.
- VII—O participio passado, isolado, ou conjugado com os auxiliares *être* e *avoir* (somente as regras geraes).
- VIII—A negativa—supressão de *pas* e de *point*.

- IX—Emprego de *parce que e par ce que*, de *quoique e quoi que*, de *quand e quant*, de *quelque e quel que*.
 X—Diferença entre *c'est e il est*.

2.º ANNO

Leitura

A preocupação de ler muito e entender bem continúa dominante; por isso, ainda este anno, bôa parte das aulas, a juízo do professor, será empregada nestes exercícios. Adoptar-se-á um livro facil de autor moderno. Nem a extensão do curso, nem os intuitos da Escola comportam o exame dos clássicos. A traducção, até aqui evitada, salvo em alguma passagem de difficil compreensão, ou para dar o correspondente de expressões idiomáticas, poderá ser feita, uma vez ou outra, sem prejuizo, por estar já dominado o mecanismo da linguagem.

A leitura abundante e a interpretação immediata, aqui recommendadas, substituirão, com vantagem, os exercicios de traducção, que devem ser dispensados.

Conversação

Neste anno, último do curso de francez, a conversação girará em torno de leitura feita em casa, pelos alumnos. O professor indicará, para isso, trechos de livros existentes na Escola (Bibliotheca), em quantidade sufficiente, e em que os estudantes encontrem apreciações synthéticas, bem feitas, de autores e de obras francezas.

Recommendará a leitura de poucas páginas, três ou quatro, e arguirá os alumnos ou fará que elles se arguam reciprocamente, durante o tempo e quantas vezes entender conveniente, no correr da semana.

Recitação

Neste anno, supprimir-se-á a decoraçào de historietas. Uma ou outra poesia, de notavel belleza, deverá ser decorada. Os exercicios de recitação, finalizando o curso, serão substituidos pela leitura expressiva de trechos cuidadosamente escolhidos, e si possivel de autor cuja vida e cujas obras tenham sido objecto de conversação em classe. Estes trechos, previamente indicados, deverão ser lidos, em casa, pelos estudantes e relidos, em classe.

Escripta

Reproducção de historietas, lidas ou narradas pelo profes-

ue e
que.

o-
i-
á

sor em classe, pelo mesmo processo indicado, para o anno precedente. Redacção de cartas, e composição livre em torno de gravura ou de assumpto dado. As versões devem ser evitadas.

Questões grammaticaes

Aproveitar-se-ão as correcções dos trabalhos escriptos para fazer-se uma revisão das questões grammaticaes, anteriormente estudadas.

Toda a grammática, em suas linhas essenciaes, será assim aprendida, atravez da língua. Insistir-se-á, porêm, neste passo do ensino, sobre pontos ainda não especialmente abordados; sobre alguns, de modo systemático inevitavel; sobre outros, occasionalmente, á medida que appareçam. O critério do professor resolverá a respeito.

- I—Theoria da formação dos tempos e conjugação dos verbos irregulares.
- II—Concordancia do verbo com o sujeito; número do verbo *être* precedido de *ce*
- III—Ligeiras observações syntácticas sobre os nomes, uso de *aigle, amour, couleur, couple enfant, foudre, gens e personne*; plural dos nomes compostos.
- IV—Os partitivos *de l', du, de la, des*.
- V—Posição do adjectivo em relação ao nome; alterações que póde este soffrer, variando a posição daquelle.
- VI—Observações sobre *nu, demi peu e possible*.
- VII—Observações sobre *aucun, nul, même e plusieurs*
- VIII—Syntaxe de *tout*.
- IX—Pronomes interrogativos.
- X—Pronomes indefinidos; observações sobre *on, chacun e quiconque*.
- XI—Do advérbio; formação dos advérbios de modo; as locuções adverbias.

Campinas, 1921

JOAO TOLEDO

DO PAPEL EDUCATIVO DA ESCOLA PRIMARIA (*)

II

EDUCAÇÃO ALTRUISTA

15—*Respeitemos, por toda a parte, a vida.* — O direito de viver é o primeiro dos direitos de todo o homem e a condição do exercício de todos os outros direitos. O homicídio é pois um crime. C. P. 392 (**) etc. Homicídio voluntario e involuntario, homicídio simples e qualificado ou agravado, infanticídio, envenenamento. C. P. 454 (***) e ss. O duello é immoral, antisocial e desarrazoado; a lei o proíbe: C. P. 423 (****)

(*) Vêr numero anterior, Dezembro 1921.

(**) Art. 392—*Sont qualifiés volontaires l'homicide commis et les lésions causées avec le dessein d'attenter à la personne d'un individu déterminé, ou de celui qui sera trouvé ou rencontré, quand même ce dessein serait dépendent de quelque circonstance ou de quelque condition, et lors même que l'auteur se ser it trompé dans la personne de celui qui a été victime de l'attentat.*

Art. 393—*L'homicide commis avec intention de donner la mort est qualifié meurtre. Il sera puni des travaux forcés à perpétuité, etc.*

Art. 394—*Le meurtre commis avec préméditation est qualifié assassinat. Il sera puni de mort.*

(***) Art. 454—*Celui qui aura mêlé ou fait mêler, soit à des comestibles ou des boissons, soit à des substances ou denrées alimentaires quelconques, destinés à être vendus ou débités, des matières qui sont de nature à donner la mort ou à altérer gravement la santé, sera puni d'un emprisonnement de six mois à cinq ans et d'une amende de deux cents francs à deux mille francs.* e ss. 455, 456 e 457.

(****) Art. 423—*La provocation en duel sera punie d'un emprisonnement de quinze jours à trois mois et d'une amende de cent francs à cinq cents francs.* e s.s. 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432 e 433.

e ss. — Excepções ao dever de respeitar a vida; legitima defesa, pena de morte, direito de guerra. — A guerra offensiva é um crime, a guerra defensiva uma necessidade; deveres do soldado. — As leis da guerra entre nações civilizadas: respeito aos feridos, dever de curá-los; a Cruz Vermelha; respeito aos prisioneiros, á população civil; prohibição de bombardear as cidades abertas não occupadas pelos exercitos inimigos. — A brutalidade: evitemos os jogos que desenvolvem este instincto selvagem e evitemos as disputas que originam rixas. — Repri-mamos o espirito de destruição: respeito á vida vegetal e á vida animal.

16—*Amemos as plantas* — As plantas são seres vivos que servem para nossa utilidade e para nosso prazer. Observamos nellas as manifestações da vida: aprenderemos a apreciar os gozos puros. As plantas são o ornamento da natureza; quanto mais as conhecemos, mais as amamos. A belleza e a variedade das flores; offerecem-se flores áquelles que se quer honrar. — O perigo das flores odorantes nos commodos fechados. — Papel hygienico e economico das florestas; protejamos as arvores contra o machado. «Não cortes uma arvore senão após teres plantado dez». — Os perigos do desflorestamento. — A floresta fonte de belleza. — Os jardins publicos são os pulmões das cidades. — Respeito pelas plantações publicas. — Façamos com que nossos camaradas as respeitem. — Administração de mattas e jardins.

17—*Protejamos os animaes*. — O homem serve-se dos animaes para uso, alimentação e instrucção; deve, porém, respeitá-los porque são sensiveis. Não é permittido fazê-los soffrer inutilmente. — Os animaes domesticos. — Os passaros insectivoros. Toda crueldade com os animaes é interdicta.

«Grosseiro para os animaes, grosseiro para as pessoas». — Praticas culpaveis: a cegueira aos tentilhões; o tiro aos pombos; preconceitos contra as corujas, os morcegos, et cetera. — Como matar, sem crueldade, os animaes nocivos e os que servem para alimentação? Como tratar os animaes domesticos que auxiliam o homem no traballo? Não abusar do chicote, não dar puxões inuteis na bocca dos cavallo, etc. A Cruz Azul. A protecção aos passaros. C. P. 538, 561, § 5. -- (Circular ministerial de 8 Dezembro 1919). (*)

(*) Art. 538---«Quiconque aura empoisonné des chevaux ou autres bêtes de voiture ou de charge, des bestiaux à cornes, des moutons, chèvres ou porcs, sera puni d'un emprisonnement de trois mois à deux ans et d'une amende de vingt-six francs à trois cents francs.»

Art. 561---«Seront punis d'une amende de dix francs à vingt francs et

18 — *Respeitemos a propriedade alheia.* — Ao dever de trabalhar corresponde para cada um o direito de dispor do fruto do seu trabalho. O direito de propriedade se estende a todos os bens adquiridos legitimamente, por trabalho, herança, dádiva, compra, troca. — A honestidade proíbe o roubo, a velhacada, o contrabando. — Não é permitido a pessoa alguma apropriar-se dos objectos achados. — Há diferentes maneiras de furtar: subtraindo; retendo indevidamente o bem alheio; enganando no commercio sobre a quantidade e a qualidade das mercadorias; não fornecendo o trabalho devido, etc. — Dever estricto de restituição total e de reparação do damno causado a outrem pela privação dum bem que lhe pertence. — Há pessoas que pretendem que roubar o Estado não é roubar; há nisto um grave erro. — Evitemos e impeçamos se preciso fôr que os outros deterioremos os bens da collectividade: material ferroviario, monumentos publicos, collecções publicas, etc. C. P. artigo 507 e seguintes (*); 526 e ss. (**)

19 — *Respeitemos a liberdade de outrem.* — A libertação do homem através da Historia: a escravidão, a servidão. — A liberdade é um factor de progresso. — O commercio de escravos, os negreiros. «*A Cabana do Pae Thomaz*» — O papel dos Belgas no Congo: a participação que tiveram na campanha anti-escravagista; a emancipação progressiva dos negros. — A liberdade, physica e moral, é um direito de todos. — Limite deste direito: a liberdade igual de nossos semelhantes (***) ; a sociedade tem o direito de privar de sua liberdade aquelle que della usa mal e constitue um perigo para a collectividade. — Immoralidade dos abusos de poder: abuso de autoridade, abuso de influencia para constranger os outros a agirem contra suas opiniões ou seus interesses.

d'un emprisonnement d'un jour à cinq jours, ou d'une de ces peines seulement: § 50. Ceux qui se seront rendus coupables d'actes de cruauté ou de mauvais traitements excessifs envers les animaux.

(*) Art. 507---«Seront punis d'un emprisonnement de huit jours à deux ans et d'une amende de vingt-six francs à cinq cents francs, le saisi et tous ceux qui auront frauduleusement détruit ou détourné, dans son intérêt, des objects saisis sur lui.» (até 525 e ss.)

(**) Art. 526---«Sera puni d'un emprisonnement de huit jours à un an et d'une amende de vingt-six francs à cinq cents francs, quiconque aura détruit, abattu, mutilé ou dégradé:

Des tombeaux, signes commémoratifs ou pierres sépulcrales ;

Des monuments, statues ou autres objects destinés à l'utilité ou à la décoration publique et élevés par l'autorité competente ou avec son autorisation :

Des monuments, statues, tableaux ou objects d'art quelconques, placés dans les églises, temples ou autres édifices publics. (até 550 e ss.)

(***) Every man is free to do that which he wills, provided he infringes not the equal freedom of any other man. «*Spencer, Justice.*»

20—*Respeitemos a reputação dos outros.* — A honra é mais preciosa do que a vida; muitas vezes é o unico bem que se possui; atacar maliciosamente qualquer pessoa na sua honra é a diffamação e a injuria são interdictas. — De ordinario prejudica-se a reputação do proximo por inveja ou por interêsse mesquinho. — Dever de reparar o mal causado maliciosamente á reputação de outrem, difficuldade desta reparação. — Dever de denunciar o mal a quem puder impedí-lo. — A delação é inspirada por motivos de inveja ou de vingança; sua fealdade. — Applicações á vida quotidiana da classe. — As cartas anonymas: cobardia dos que as escrevem. — O calumniador pode ser perseguido. C. P. 443 (*) e ss. — As insinuações malevolas são tão culpaveis e menos francas do que a calumnia.

21—*Respeitemos a opinião do proximo.* — Todo homem; tem o dever de procurar a verdade e combater o êrro; a verdade, porém, é complexa; della não se vê senão um aspecto: jamais devemos acreditar que quem não segue o nosso conselho é imbecil ou canalha. — Nunca prejudicar os outros por odio ás opiniões que professem. — E' respeitavel todo parecer sincero que não seja contrario á moral ou á ordem social. — Só pelos meios legaes é que podemos combater o que tomamos como êrro: toda violencia é culpa. — A sorte dos rotineiros. — A escola acolhe todas as crianças: ricas ou pobres, belgas ou estrangeiras; ella não se preoccupa com as opiniões dos paes: ella antes de tudo é tolerante.

22—*Evitemos, aos nossos semelhantes, o soffrimento.* — O soffrimento de outrem deve nos inspirar a piedade: todo o ser que soffre, seja ou não por falta sua, tem direito ao auxilio que lhe pudermos prestar. — Os velhos, os enfermos, os mutilados, todos os que são mais fracos do que nós, teem direito ao nosso concurso caritativo. — Fazer gala de nossa fortuna, de nossa saude, de nosso successo diante dos pobres, dos doentes, dos infortunados, pode magoá-los a todos: nosso dever é não agir de tal maneira. — A critica malevolente da obra alheia também pode provocar soffrimentos: nunca esqueçamos que se a critica é facil, a arte é difficil. Se não podemos louvar um individuo pelo seu trabalho, louvemo-lo ao menos por seu esforço e, se o criticarmos, que seja não para humilhá-lo e sim para auxiliá-lo

(* Art. 443—«Celui qui, dans les cas ci-après indiqués, a méchamment imputé à une personne un fait précis qui est de nature à porter atteinte à l'honneur de cette personne, ou à l'exposer au mépris public, et dont la preuve légale n'est pas repportée, est coupable de calomnie lorsque la loi admet la preuve du fait imputé, et de diffamation lorsque la loi n'admet pas cette preuve.» e ss. (até 452)

a aperfeiçoar-se. «Não faças a outrem o que não queres que os outros te façam». — As obras de misericórdia.

23—*Tenhamos palavra.* — As boas resoluções são faceis de tomar, mas difficeis de cumprir. — Ninguem é obrigado a tomar um compromisso; desde, porém, que o tomou, está obrigado a cumpri-lo e aquelle, em favor de quem for declarado o ajuste, tem o direito de exigir-lhe o cumprimento. Somente a promessa que levasse ao mal não poderia ser exigida. — Necessidade de reflectir maduramente antes de fazer uma promessa: noivado, contracto, arrendamento; mercadorias negociadas por amostra. — Há compromissos tacitos: elles são tão sagrados como os formaes. As obrigações arrancadas á fraqueza, ao mêdo, a um homem que não está no uso da razão (bebedo) são sem valor. — O homem de bem tem só uma palavra.

24—*Sejamos bons para todos.* — Difficuldade em assentar a responsabilidade das acções de outrem; é a intenção que estabelece a responsabilidade. Sejamos, pois, extremamente reservados nos nossos juizos sobre os outros. Quem julga julga-se. — Não attribuamos, a pessoa alguma, moveis que não seriam os nossos. — Sejamos benevolentes de prevenção. — Sejamos prudentes, mas não desconfiados em excesso. — O perdão das offensas; o valor do arrependimento; o esquecimento não se confunde com o perdão. — A beneficencia. — As causas da pobreza. — As obras philanthropicas: para as crianças, para os velhos, para os enfermos, para os tuberculosos, para os invalidos. O devotamento dos que sacrificam a vida para alliviar e instruir os anormaes (cegos, surdos-mudos, etc., etc.).

25—*Sejamos serviçaes.* — A vida em sociedade requer a reciprocidade dos bons procedimentos: a gente precisa saber se constranger, e sem que o pareça, para obrigar os demais: «Fazei a outrem o que vós quereis que os outros vos façam» — Diversas occasiões de nos mostrarmos serviçaes: entre camaradas (emprestar livros, etc., prevenir perigos, auxiliar nos trabalhos). No bonde e no trem (ceder o lugar aos doentes, ás mulheres, aos velhos, ajudá-los eventualmente a subir ou a descer). Na rua (ajudar a carregar um pêso, dar uma informação, auxiliar um enfermo a atravessar a rua). Em casa (ajudar a mamãe no seu serviço, assistir aos irmãos e irmãs, etc.). Não fazer preva- lecer sempre a propria vontade: sujeitar-se de bom grado ás de- cisões dos camaradas, em uma palavra cuidar sempre de con- tentar o proximo. — O egoista, que não pensa senão em si mesmo, é justamente desprezado e não tem o direito de se quei- xar quando os mais o abandonam. «Quem não pensa senão em si mesmo, é justamente desprezado e não tem o direito de se

queixar quando os mais o abandonam. «Quem não pensa se não em si quando a fortuna é boa, na desgraça não tem amigos».

26— *Sejamos solidarios* — Todos os homens são dependentes uns dos outros. — A sociedade lucra com o trabalho e aperfeiçoamento de cada um e perde com as fraquezas individuais de seus membros. — Nossa divisa nacional: «A União faz a fôrça.» — Não somos donos de nós mesmos: a sociedade tem, sobre nós, direitos que devemos respeitar. — Nossa responsabilidade individual está empenhada nos traballos collectivos nos quaes tomamos parte: em classe, na vida. — Necessidade da divisão do trabalho e da disciplina para uma acção commum. — A solidariedade, factor de progresso e de liberdade: «Auxíliemo-nos de parte a parte»: é um dever, não um simples conselho. — Toma o teu quinhão nas alegrias e nas dôres alheias, não te afflijas com as primeiras, não te rejubiles com as segundas, a inveja é um sentimento antisocial que faz tanto mal ao que o experimenta como aos que são objecto delle. — Nossos deveres com relação aos mortos: respeito á memoria delles; não se discutem os mortos, porque elles se não podem defender. — Tirar o chapéu á passagem dos cortejos funebres; conservação e respeito das sepulturas. O culto dos mortos da grande guerra. (Circular ministerial de 30 Agosto 1920.)

27— *Amemos nossos paes.* — A familia, unidade social. — A honra do nome. As faltas individuaes dum membro da familia reflectem-se na familia inteira. — Dever dos filhos para com os paes: amor e reconhecimento, respeito, obediencia, assistencia. — O devotamento dos paes, o amor materno. — Deveres com os avós. — A divida de reconhecimento dos filhos. — Os filhos ingratos. A lei protege os paes contra a ingratição dos filhos; ella obriga os filhos que attingiram a maioridade a entreterem seus paes tornados invalidos. C. C. 205 e ss. (*)

(*) Art. 205—(L. 20 Novembro 1896, art. 2) § 1.º Les enfants doivent des aliments à leurs père et mère et autres ascendants qui sont dans le besoin.

§ 2.º La succession de l'époux même séparé de corps, prédécédé sans laisser d'enfant issus de son mariage avec le survivant, doit des aliments à ce dernier, s'il est dans le besoin au moment du décès.

§ 3.º La pension alimentaire est une charge de la succession. Elle est supportée par tous les héritiers et, au besoin, par les légataires particuliers, proportionnellement à leur emolument. Toutefois, si le défunt a déclaré que certains legs doivent être acquittés de préférence aux autres, ces legs ne contribuent à la pension que pour autant que le revenu des autres n'y suffise point.

§ 4.º Si les aliments ne sont pas prélevés en capital sur la succession, des sûretés suffisantes seront données au bénéficiaire pour assurer le paiement de la pension.

§ 5.º Le délai pour réclamer la pension alimentaire est d'un an à partir du décès.

28—*Amemos nossos amigos* — Os verdadeiros amigos são raros. A verdadeira amizade não une senão aquelles que trabalham em se aperfeiçoarem. Os que se unem para praticarem o mal não são amigos, são cúmplices. Um verdadeiro amigo é um alliado para o bem, um confidente, um outro eu para quem nenhum segredo se terá; um amigo verdadeiro é devotado a seu amigo e fica-lhe fiel. — A verdadeira amizade suppõe entre dois homens as mesmas tendencias, as mesmas aspirações, os mesmos sentimentos.—Muitos dizem-se amigos nossos quando seu interêsse acha proveito nisso e traem-nos quando esse interêsse os leva a tal. — E' preciso ser prudente na escolha dos amigos: «Nada mais commum que o nome, nada mais raro do que a coisa». Perigo das más companhias; deixa-se a pessoa arrastar a acções que mais tarde lastima.

29—*Sejamos polidos.* — O que é a polidez. — A polidez na escola, na rua, no bonde, no trem, na casa. — A polidez á mesa, na correspondencia, com os paes, os amigos, os mestres, os estrangeiros. A criança polida, em visita A verdadeira polidez vem do coração Respeito ás mulheres, aos velhos. — A polidez não autoriza a hypocrisia: nunca é permittido mal agir sob o pretexto de não ser impolido. — E' a polidez que torna agradaveis as relações sociaes. — Para ser polido, torna-se preciso saber se constringer: a polidez é uma forma da obsequiosidade.— Saber agradecer.

Educação nacional

30—*A Belgica* --- Diferentes formas de govêrno. --- Exemplos concretos tirados da historia e da geographia. Govêrno da Belgica: monarchia constitucional, representativa, sob um chefe hereditario. — A Casa real da Belgica. Algumas palavras sobre as origens da Constituição belga e sobre a representação nacional. Necessidade duma constituição; comparação com o regulamento escolar, com os estatutos de sociedades privadas. — A Constituição e as leis podem ser revistas; a revisão da Constituição é cercada de formalidades especiaes que lhe garantem a estabilidade; desde 1830, a Constituição foi revista duas vezes.— A descentralização, sua utilidade. — O Estado, seu papel. — A provincia; seu papel fixado pela lei provincial; comparação com o papel do Estado; o conselho provincial, a deputação permanente, o governador. -- A communa; seu papel fixado pela lei communal; o conselho communal, o collegio dos burgomestres e almotaceis. — O districto, o cantão.

31—*A soberania nacional.* — O que é a soberania. Como se exerce ella? — O papel do cidadão, membro do corpo social.— O paiz é governado por si mesmo. — A responsabilidade do ci-

dadão: a sabedoria, a prosperidade e a potencia da nação dependem da qualidade do cidadão, porque elle elege, isto é, elle escolhe seus representantes, os quaes contribuem para a feitura das leis. Todo cidadão deve interessar-se pela causa publica: é um dever primordial. Sendo a eleição uma escôlha, o cidadão deve conhecer o valor dos candidatos que lhe solicitam os suffragios. — O suffragio universal aos 21 annos. Como se faz uma eleição. A representação proporcional. A liberdade eleitoral. C. P. 196, (*) e ss. — O poder legislativo; o poder executivo; o governo o Rei, os ministros; o poder judiciario.—Interdependencia destes tres poderes, que todos tres emanam da Nação; como?

32—*O poder legislativo.*—O poder legislativo faz as leis — Elle é constituído pela Camara dos representantes, o Senado e o Rei—Importancia de sua missão: é o poder preponderante. Elle inspecciona a gestão do poder executivo; os membros da Camara e do Senado teem o direito de interpellar os ministros sobre os actos de sua gestão e de exprimir-lhes ou retirar-lhes a confiança dessas assembleas, por um voto favoravel ou um voto desfavoravel. — Importancia da boa escôlha dos eleitos. Um paiz não é governado convenientemente senão em uma atmosphera calma e na ordem. Como se faz uma lei: projectos e proposições de lei; a iniciativa parlamentar; tomada, em consideração, das proposições de lei; secções, secção central e commissão; os relatores e seus relatorios; a discussão publica; a mesa da assemblea; os discursos, as emendas, os votos; o serviço tachygraphico; os *Annaes parlamentares*; o *Relatorio analytico*. A sancção e a promulgação pelo Rei; a publicação no *Monitor*. Ninguem pode allegar ignorancia da lei.

33—*O poder executivo.* Atribuições do poder executivo: elle executa as leis e as sentenças judicarias. Este poder cabe ao Rei e aos ministros. O Rei nomeia e demitte os ministros.— Nenhum acto real tem valor se não é referendado por um ministro que toma a responsabilidade de dito acto: diz-se que o Rei reina mas não governa. — A pessoa do Rei é inviolavel; o porque de esta disposição. Respeito devido ao Rei. A lei pune aquelle que falta ao respeito ao Rei ou á Familia real. Ss au.

(*) Art, 196—«Seront punis de reclusion les autres personnes qui auront commis un faux en écritures authentiques et publiques, et toutes personnes qui auront commis un faux en écritures de commerce, de banque ou en écritures privées.

Soit par fausses signatures,

Soit par contrefaçon ou altération d'écritures ou de signatures.

Soit par fabrication de conventions, dispositions, obligations ou décharges, ou par leur insertion après coup dans les actes.

Soit par addition ou altération de clauses, de déclarations ou de faits que ces actes avaient pour objet de recevoir ou de constater.» e ss. 197. 198, 199.

toridades publicas representam a lei: Nós devemos respeitá-las e auxiliá-las. C. P. 101 e ss; 269 e ss; 275 e ss. (*)—O Rei tem o direito de dissolver as duas Camaras legislativas, simultaneamente ou separadamente, mas o acto de dissolução traz a convocação dos eleitores dentro de quarenta dias, e das Camaras dentro de dois mezes. — O Rei dispõe do direito de graça. — O govêrno dispõe da força publica. Os departamentos ministeriaes — Os funcionarios. O que vem a ser um decreto real, um decreto ministerial, uma circular ministerial. Os cidadãos podem dirigir-se aos ministros, com isenção de taxa postal.

34—*O poder judiciario.* — O respeito das leis: primeiro dever do cidadão. A obediencia á lei é a garantia de todas as liberdades, sobretudo para os humildes. — O poder judiciario é encarregado de velar, nos casos particulares, pelo respeito ás leis. Elle exerce sua missão com toda a independencia.

Qualidades do juiz: probidade, imparcialidade; o magistrado julga segundo sua consciencia; elle não tem ordens a receber do poder executivo. — As garantias que cercam a missão do juiz. Obrigação de respeitar a pessoa e a decisão do juiz. — Papel preventivo, não apparente, da organização judiciaria: grande hygiene social; os processos são as accidentes apparentes. — Li-geiro esbôço da organização judiciaria: O juiz das crianças; irresponsabilidade das crianças; aquellas, porém, que forem pervertidas ou abandonadas, podem ser postas á disposição do govêr-

(*) Art. 101— L'attentat contre la vie ou contre la personne du roi sera puni de mort. S'il n'a pas eu pour résultat de porter atteinte à la liberté du roi et s'il ne lui a causé ni effusion de sang, ni blessure, ni maladie, l'attentat contre sa personne sera puni des travaux forcés à perpétuité.» e s.s. 102, 103; 104 a 112.

Art. 269—«Est qualifiée rébellion, toute attaque, toute résistance avec violences ou menaces envers les officiers ministériels, les gardes champêtres, ou forestiers, les dépositaires ou agents de la force publique, les préposes à la perception des taxes et des contributions, les porteurs de contraintes, les préposés des douanes, les séquestres, les officiers ou agents de la police administrative ou judiciaire, agissant pour l'exécution des lois, des ordres ou ordonnances de l'autorité publique, des mandats de justice ou jugements», e ss. 270, 271, 272, 273 e 274.

Art. 275—«Sera puni d'un emprisonnement de quinze jours à six mois et d'une amende de cinquante francs à trois cents francs, celui qui aura outragé par faits, paroles, gestes ou menaces, un membre des Chambres législatives, dans l'exercice ou à l'occasion de l'exercice de son mandat, un ministre ou un magistrat de l'ordre administratif ou judiciaire, dans l'exercice ou à l'occasion de l'exercice de leurs fonctions. Si l'outrage a eu lieu à la séance d'une des Chambres ou à l'audience d'une cour ou d'un tribunal, l'emprisonnement sera de deux mois à deux ans, et l'amende de deux cents francs à mille francs. Les outrages adressés à un membre des Chambres ne peuvent, sauf le cas de flagrant délit, être poursuivis que sur la plainte de la personne outragée ou sur la denonciation de la Chambre dont elle fait partie», e ss. 276, 277, 278, 279, 280, 281 e 282.

no. A
meira
juiz. C
patrão.
ção.
A d
riam
reito
def
exe
tia

b
c
a

no. A justiça de paz; o tribunal de policia. O tribunal de primeira instancia. A Côrte de appellação. O Tribunal criminal e o juiz. O Conselho de guerra; o Tribunal militar. O Conselho de patrões e operarios. O tribunal de commercio. A Côrte de cassação. Os officiaes do ministerio publico. — A sala de sessões — A defesa; os direitos de defesa. Nem todo accusado é necessariamente um culpado. Em todos os casos o accusado tem o direito de conhecer o que lhe é imputado e de apresentar sua defesa. — A tribuna da defesa: os advogados. — Explicar por exemplos concretos como se faz a justiça e quaes são as garantias de que ella se cerca. — As testemunhas.

35— *A defesa nacional.* — A dignidade e o cuidado da liberdade nacional podem fazer da guerra uma necessidade. Necessidade de um exercito prompto para defender o solo natal: a guerra é um mister que se apprende; soldados insufficientemente preparados não constituem exercito, mas hordas que não resistem ao choque do inimigo e fazem-se massacrar. — O recrutamento do exercito, os milicianos, os voluntarios. — O serviço militar geral: fealdade e cobardia da fraude em materia militar. — O serviço militar é como a taxa de seguro contra os perigos da invasão; um povo incapaz ou pouco cuidadoso em se defender attrai a invasão. — Obrigação de ser um bom soldado. A deserção em tempo de paz e a deserção diante do inimigo. — A trahição, a deserção. C. P. 113, (*) etc. — Heroismo do soldado em tempo de guerra. — Algumas palavras sobre as operações de milicia e a organização de nosso exercito.

36— *O dever fiscal.* -- Para que servem os impostos: os serviços publicos: o ensino, a segurança publica, a policia, o exercito, a justiça; os meios de communicacão: estradas, canaes, caminhos de ferro, correios, telegraphos, telephones; as pensões, o serviço de juro dos emprestimos. — O parlamento, eleito pela nação, vota os impostos. — Os impostos directos e os impostos indirectos. — O dever do bom cidadão: contribuir para as despesas da collectividade, porque os serviços publicos sendo necessarios a todos, todos devem supportar uma parte das despesas communs e é equitativo que cada um o faça em proporção com os seus recursos. — Estudo da fôlha de contribuições. — Os direitos sobre as successões: sua legitimidade. — O contribuinte deve lealmente prestar suas declarações e pagar o imposto; quem julga que rouba ao estado rouba a seus concidadão e não tem o direito de reclamar a protecção social.

(*) Art. 113—«Tout Belge qui aura porté les armes contre la Belgique sera puni de la detention extraordinaire» (15 a 20 annos) etc. 114, 115, 116, 117,—123.

37—*A liberdade dos cultos.* — A religião pertence ao domínio sagrado da consciencia. Sob a égide da Constituição belga, as religiões reconhecidas na Belgica tem direito á liberdade e ao respeito. — Estas religiões são: culto catholico (capellães, igrejas, cathedraes): vigarios, curas-ecónomos, curas, bispos, arcebispo, cardeal; clero regular; culto protestante (templos): pastores; culto anglicano: capellães; culto israelita (synagogas): rabbino, grande-rabbino. — A liberdade dos cultos é absoluta, na Belgica. A Constituição garante a liberdade dos cultos e a de seu exercicio publico, assim como a liberdade de exprimir opiniões em todas as matérias. — Ninguem pode ser constrangido a concorrer, de qualquer maneira, para os actos e para as cerimoniaes de um culto nem a observar os dias de repouso. — O repouso dominical é consagrado pela lei.—Os bons cidadãos devem obedecer a Constituição e respeitar os differentes cultos. — A lei pune os ultrajes publicos ao culto. C. P. 142 (*) etc.

38—*A liberdade da imprensa.* — Importancia da imprensa. A liberdade é sua mais preciosa salvaguarda. — A imprensa é um poderoso meio de educação politica; ella permite que as diversas correntes de opinião manifestem-se livremente; ella denuncia os abusos e dá a conhecer aos dirigentes os desejos e os avisos das populações. — As garantias constitucionaes. — O direito de resposta. — As demandas exercidas contra os jornaes que excedem os limites da critica permittida. — A censura; a censura em tempo de guerra. — Dever dos cidadãos: ter uma opinião pessoal, extrair da leitura dos jornaes um ensino para bem servir a patria.

39—*A liberdade de associação e de reunião* — Os Belgas tem o direito de associar-se, isto é, de formar sociedades: sociedades commerciaes; sociedades sem o fito de lucro: sociedades recreativas, sociedades politica, sociedades para a defêsa dos interesses corporativos; sociedades religiosas (congregação), etc.—Os Belgas tem o direito de reunir-se pacificamente e sem armas conformando-se com a lei; entretanto os comicios em pleno ar ficam inteiramente submittidos ás leis de policia.—Influencia desta liberdade sobre o desenvolvimento moral e material do paiz. Exemplos concretos; verificação de nossa divisa. «A União faz a fôrça».

40—*A liberdade de ensino.* — O que se entende por liber-

(*) Art. 142—«Toute personne qui, par des violences ou des menaces, aura contrainst ou empêché une ou plusieurs personnes d'exercer un culte, d'assister à l'exercice de ce culte, de célébrer certaines fêtes religieuses, d'observer certains jours de repos, et, en conséquence, d'ouvrir ou de fermer leurs ateliers, boutiques ou magasins, et de faire ou de quitter certains travaux, sera punie d'un emprisonnement de huit jours à deux mois et d'une amende de vingt-six francs à deux cents francs,» etc. 143, 144, 145, 146.

dade de
abrir es
A liber
veres
public
hoje.
servi
esco
gios
cas
es
ri
a

dade de ensino. E' a liberdade, para cada cidadão belga, de abrir escolas, e de confiar os filhos aos mestres que escolher — A liberdade de ensino não exclue a obrigação escolar. — Deveres dos paes e dos escolares em materia escolar. — O ensino publico, o ensino privado. — A escola de outr'ora, a escola de hoje. — Importancia do ensino para um paiz. — Bem estudar é servir a patria. — As escolas guardiãs, as escolas primarias, as escolas normaes, as escolas medias, os atheneus reaes, os collegios, as Universidades, as escolas profissionaes, industriaes, technicas, o navio-escola, as escolas de aprendizes, a escola militar, a escola de guerra, as escolas de beneficencia. — O ensino primario é gratuito; para as outras escolas, há bolsas que ajudam os alumnos bem dotados e sem meios de fortuna.

41—A *liberdade individual*. — A liberdade individual permite-nos dispor de nossa pessoa e de nossos bens, ao sabor de nossa vontade, nos limites impostos pela lei moral e á ordem social.

A manifestação livre da vontade é para o homem uma necessidade natural. Ella constitue o mais precioso dos direitos do homem. — Não há verdadeira moralidade sem a liberdade. A escravidão. — As garantias constitucionaes: Ninguém pode ser preso sem mandado do juiz de instrucção. A lei regula, afim de evitar os abusos, as condições da prisão preventiva. — A detenção: condições nas quaes ella pode praticar-se. C. P. 434 e ss. (*) — A desapropriação; condições nas quaes ella pode realizar-se.

42—A *guerra de 1914-1918*. — A aggressão allemã. O ultimatum; a resposta da Belgica. — A defesa de Liège; o general Leman. Os massacres e a pillagem; processos de guerra dos Allemães. — O cêrco de Antuerpia; influencia das sortidas do exercito de Antuerpia sobre a primeira victoria do Marne. — A occupação: suppressão de todas as nossas liberdades; requisições, deportações. Heroismo dos civis no territorio occupado. — Nossos soldados no Yser. — A offensiva libertadora. — Os mortos: respeito e reconhecimento. — Reconhecimento para com os combatentes. Deveres relativos aos mutilados. — A lição da guerra: despertar do patriotismo; a bandeira nacional: o que ella nos diz.

43—*Amemos nosso paiz*. — O que é a patria: a terra natal; os antepassados, nossos paes, nossos amigos. — A obra dos

(*) Art. 434— «Seront punis d'un emprisonnement de trois mois à deux ans et d'une amende de vingt-six francs à deux cents francs, ceux qui, sans ordre des autorités constituées et hors les cas où la loi permet ou ordonne l'arrestation ou la détention des particuliers, auront arrêté ou fait arrêter, détenu ou fait détenir une personne quelconque.» s. s.—435 a 442.

avoengos; a conquista; o resultado de um longo passado de esforços, de sacrificios e de devotamentos. E' uma herança de glórias e de lamentos a partilhar e um mesmo programma a realizar. — «Uma nação é uma grande solidariedade constituida pelo sentimento dos sacrificios que tem sido feitos e dos que se está disposto a fazer ainda.» — O exilio: o dever, para os Belgas que se vão embora, de servir o paiz sob todas as latitudes: exemplo dos Inglezes e dos Allemães; a nostalgia. O amor da patria; ella dá, a todo um povo, a unidade de consciencia e de vontade para tender a um mesmo fim: a prosperidade e a grandeza da Nação».

Exemplo de applicação hebdomadaria

Ultimo ENTRETENIMENTO: AMEMOS NOSSO PAIZ (*).

Meus meninos, esta semana é a ultima do anno escolar. Mais alguns dias e iremos nos separar. Quero hoje prender vossos corações no amor da patria. Tudo aquillo que, desde muitas semanas, vos hei dito, tem por fim inspirar-vos este sentimento. O entretenimento de hoje é pois o mais importante de todos.

Qual é a vossa patria? Tendes uma patria? Que vem a ser a patria? E' um bem superior, comprehendeis? Tendes notado que as bestas não tem patria? Há sem duvida, animaes que vivem melhor sob certos climas, comtudo o cão na rua, o gato em casa, os canarios na gaiola, o cavallo na estrebaria, a vacca no seu pasto não tem patria. Nossos longuiquos antepassados, e em nossos dias, os selvagens, não tinham, não tem patria. A' medida que o homem eleva-se na civilização, á medida que elle possui linguagem, que tem costumes, tradições, que conquista liberdades, que se liga particularmente á terra que lhe traz lembranças, é que elle goza dos beneficios da civilização. Assim, elle ama, com um amor semelhante ao que se tem pelos paes, com um reconhecimento semelhante ao que se deve a todos aquelles que vos tem feito beneficios, todos os

(*) Este entretenimento será o ultimo. Terá lugar quando os cursos de historia e de geographia já houverem permittido dar á criança algumas noções essenciaes sobre a Belgica. Elle terminará a serie de entretenimentos sobre as liberdades constitucionaes. Desde então, deverá ser concebido como uma synthese, no ponto de vista do sentimento, dos desenvolvimentos anteriores. Poderá tomar certa solennidade e recorrer aos meios emotivos, por exemplo: canto em commum do hymno nacional e das árias locaes, visita ao memorial da guerra, ornamentação da classe com bandeiras nacionaes, leitura pelo instituidor dos nomes das victimas da guerra, respondendo as crianças em côro: «morto pela patria», etc. (Nota do folheto).

que no passado ou no presente, padeceram os mesmos soffrimentos, augmentaram por seus esforços este thesouro commum, partilharam as mesmas alegrias e as mesmas esperanças, affirmaram sua vontade perseverante de viver em commum.

Vossa patria é a Belgica.

Eis o que della dizia um escriptor nosso:

«Eis-me pois, longe, muito longe, em terra estrangeira entre homens cuja lingua ignoro e sob um céu insólito, — porque a patria não se comprehende bem senão quando se está distante della. E eu sonho... Penso na Patria. Quaes são as imagens que esta palavra evoca em minha alma?

«Patria, cara e doce terra do pae... E eu revejo o lar domestico, á beira da estrada, no meio das arvores e tapizada de hera... O' minha querida casa, para onde eu fui ainda pequeno, onde passei as horas tristes e alegres da vida; onde viveram os meus: minha mãe tão terna, tão cedo fallecida, e na qual não posso pensar sem sentir a alma todo perfumada de clemencia e de bondade; meu pae, de maneiras severas, mas tão affectuoso, duma tão larga cultura de espirito, e de coração tão bem formado, tão nobremente comprehensivo; ó minha querida casa, na qual me deram os meus tudo o que houve de melhor em mim, a piedade pelos fracos, o amor do bello, a loucura da justiça; onde fizeram com que estas lições augustas surgissem agora na minha memoria em imagens frementes, multiplas, confusas, e nas quaes eu não ousou parar de medo de não mais poder proseguir, onde cada lage do corredor, cada degrau da escada, cada canto de cada quarto, cada movel de cada commodo, cada teteia sobre cada movel, tem sua historia e sua vida e me fala de coisas que não dirão senão a mim; ó minha querida casa, onde eu amei, onde chorei, onde morreram os meus!

«E penso ainda nos que se foram... Batalhas de escolares, escapadas de garotos, loucas e francas alegrias de rapazelhos zelos de arte communs... E nossas ferias, ao longe, na pequena aldeia de Erbisœul, onde alguns parentes possuíam uma casa de campo grande como um castello, e um jardim como um parque. Ao fundo do jardim, á direita, havia uma macieira cujos ramos deitavam para o jardim do cura e cujas maçãs brancas tocadas de vermelho tinham um gostinho acido e assucarado que eu sinto ainda. Havia um tanque que nos parecia um lago; e, mais longe do que o tanque, algumas arvores que chamavamos o bosque. Para a fonte do bosque, á tarde, o pastor levava os rebanhos, cantando: Ali! Alô! Ali! Alô! O' doce melancolia deste canto psalmodiado no poente roseo!... Havia... Mas eu nunca saberia dizer tudo o que havia em Erbisœul! O' doce

Patria, terra abençoada, na qual se encontram aldeias taes...

«E noutras férias, ainda, conduziram-nos a Mons, á casa dos avós, numa rua onde se via um grande boi vazado em ferro ao alto de um mercado. A torre do castello na collina, a Praça Grande, o Monte Panisel, todas essas ruas encantadoras e pittorescas, tão curiosamente velhotas e cuja vida parece ter-se parado por 1820, e, ao longe o Borinage, tragico e tão miseravel com suas casinhas acaçapadas ao pé dos triangulares monticulos de detritos-carboniferos, vê-los-ia eu então como os vejo agora? Não, sem duvida, mas seus meandros guardam farrapos de minha infancia, evocando figuras amadas que se desvaneceram, «vozes queridas que se extinguiram»...

«O' a querida casa, nesse paiz negro, tão estranhamente, tão magnificamente atormentado por um formidavel labor humano: ruidos de usinas, atroadas de martellos, roncões de machinas, queixumes longos de locomotivas, e, nas noites, os incendios soberbos das fumaradas e dos fogos! O' meu Paiz, como me pareces bello! Porque, de repente, sinto-me presa de uma tão frenetica necessidade de rever-te e de encontrar-te? A velha igreja de pedra está sempre lá, no centro da aldeia? E o cemiterio, diz, com a estrada montante, o cemiterio onde dormem os meus?»

«Mais longe, era a cidade, eram os negocios... Successos e decepções. Em certos dias, a humanidade pareceu-me baixa. Agora, porém, como todas essas miserias esfumam-se e apagam-se; como eu as julgo melhor, como sou pleno de indulgencia e de sympathia para com os meus adversarios; não falamos a mesma lingua? Para algumas diferenças superficiaes, quantas semelhanças profundas! Não eramos todos da mesma raça, do mesmo paiz, da mesma familia humana? Como gostaria de ouvir o sotaque da terra natal; algumas palavras de Wallão ser-me-iam mais refrigerantes do que uma pouca de agua pura a um sedento viajor!

«E depois, são as outras cidades, Bruxellas primeiro, a capital, o centro da agitação nacional, com sua Grande Praça onde se perpetua, em rendilhados de pedra, a vida heroica do passado communal, Santa Gúdula gothica, o Palacio de Justiça babilonico... a Passagem que conheceu minhas vadiações de estudante, as velhas arvores do Parque... o Palacio da Nação onde horas de febre e horas de amargura se passaram, o Museu com os Rubens e os Bouts, as salas de espectáculo onde encontrei as emoções ardentes das musicas; Bruxellas e seus arredores, Laeken, Uccle, Tervueren, e a floresta de Soignes vestida no outomno de tão sumptuosos mantos de purpura e de

ouro fulv
ra do la
carvão
as fiaçõ
com o
mindõ
brancõ
sinõ
com
te se
ga v
zon
te
se
no
Sa

ouro fulvo; Liège, tão viva, ruidosa, espiritual, extendida á beira do largo rio, num quadro de collinas heridas de minas de carvão de pedra; Gand, sombria e feroz, com a pesada torre, as fiações tristonhas, e seu Van Eyck em uma capella; Tournai com os Chonq-Clotiers; Lovaina, com os morteiros; Bruges dormindo em seus canaes melancolicos sobre os quaes deslizam brancos cysnes, dormente, dolente e quasi morta, apesar dos sinos e carrilhões. Bruges onde estão os Memling; Antuerpia, com a flecha aguda de sua cathedral, cujo arrojo não é semelhante senão ao sobresalto do coração daquelle que, depois de longa viagem além dos mares, percebe-a enfim levantar-se no horizonte: vigia da patria com seu porto e seus navios e o povo forte que Constantino Meunier tão poderosamente symbolizou no seu «Débardeur», Antuerpia, onde me sorri tão estranhamente, no seu vestido róseo irisado, e seu gesto destacado, a pequena Salomé cruel com ingenuidade de Quintino Metsys!

«A Patria é ainda esta maravilhosa successão de paizagens que vae dos outeiros da Ardenne ás praias da Flandres.

As florestas do Luxemburgo com velhas arvores magnificas, os vastos horizontes donde se vêem, pela manhã, os valles envolvidos da gaza ligeira dos nevoeiros, as estradas que vão, que sobem, descem e se dirigem ás povoações, os ribeiros negros que brincam sobre os seixos, deslizam furtivamente sob as folhiagens arrastando as esbeltas trutas de prata, o Semois, o Ourthe, o Amblève e afluentes, mais seductores ainda; é o Mosa que concentra suas aguas e suas bellezas, neste valle, por vezes grandioso, sempre amavel, que vai da fronteira do Sul á fronteira do Norte; é o Entre-Sambre-e-Mosa, cantando por Delattre; ó, este Bruly-de-Pesches tão commovente; é a Thudinia narrada por des Ombiaux, o Borinage descripto por Marins Renard; é o gordo e fertil Brabante Wallão cujas planicies viram o fim da epopéa napoleonica; é Bruyère e Genck, paúes a mirar os combiantes celestes; são as extensões silenciosas e desertas da Campina; é o Escalda esplendido diante de Antuerpia, levando-lhe alguma coisa da immensidade do mar; é toda esta Flandres cultivada tenazmente como um jardim, as varas onde o lúpulo trepador se enrola, os campos de batatas, as searas de ouro, os prados verdes e os rebanhos que pascem; é a duna enfim, a duna de areia clara que as cinzentas hervas recobrem, com seu enfeite de villas ridentes e propicias aos repouso do estio e a vasta praia que a onda marinha vem acariciar voluptuosamente, deixando nella brancos festões de rendas de espuma...

«E tudo, tudo isto sob céus sempre outros, cuja mobilidade, para quem sabe vêr, produz um espectáculo encantador, inexaurivelmente variado. Curso das estações: alegrias frescas

da primavera, esplendor do triumphal verão, opulentas melancolias do outomno, lutos brancos do inverno; curso das horas; tremulas e doces auroras, manhãs leves, meio-dias radiosos, crepusculos inflâmados, tardes febris, vós nos levais sem cessar, pelo jôgo das nuvens e as magias da luz, a descobrir novas bellezas na terra amada. Haverá, na verdade, alguma outra região do globo na qual o destino clemente tenha consentido e juntassem, num espaço tão restricto, tantas razões de viver? Comprehende-se agora o gesto admiravel dos Flamengos, na batalha de Eperons d'Or, levando na bocca um pouco da terra pelo qual iam elles morrer? Comprehende-se

L'héroïque baiser de ces mangeurs de terre ?

«A Patria, enfim, é não somente o solo, mas o conjuncto dos homens que ali vivem e que ali viveram. E', conjunctamente, com amigos de hontem, e de hoje, Breydel, Van Artevelde, Anneessens, Van Eyck, Breughel e Rubens; Balduino de Constantinopla e Godofredo de Jerusalem; e tantas outras figuras familiares dos tempos idos! E' todo este povo valente, duma aptidão ao esforço, jamais esgotado; são as duas raças que a compoem, a do norte, lenta, paciente, teimosa; a do Sul, ardente, entusiasta, generosa; são seus soffrimentos e suas alegrias, suas coleras e suas piedades, suas tradições, seus costumes, e a lingua. Eu os amo porque os conheço, porque os comprehendo, porque minha vida é feita de pedaços de suas vidas ... »

Pode-se ainda citar o autor italiano Edmundo de Amicis que, num bello livro seu, «Coração», faz a pergunta: «Porque amo minha Patria?» e responde-a neste termos:

«Amo minha Patria porque minha mãe ali nasceu; o sangue que me corre nas veias é todo della; porque sob esta terra bemdita estão sepultados todos os mortos que minha mãe chora e meu pae venera; porque a cidade onde nasci, a lingua que falo, os livros que me educam, meu irmão, minha irmã, eu meus collegas, o grande povo no meio do qual vivo, a bella natureza que me cerca tudo que vejo, que amo, que estudo e que admiro, faz parte de meu paiz!

«Oh! tu não podes ainda sentir toda inteira essa paixão! Sentí-la hás quando fores homem, quando ao voltares de longa viagem, depois de longa ausencia, chegando uma manhã á amurada da embarcação, vires no horizonte ao longe as montanhas azues de tua terra; sentí-la hás então, na onda impetuosa de ternura que te arrazará os olhos de lagrimas e irá descendo buscar um grito ao coração. Sentí-la hás em qualquer grande cidade distante no impulso d'alma que te arrastar, por entre uma

multidão desconhecida, para o operario desconhecido, que ao passar ao teu lado pronuncie uma palavra da tua lingua. Sentí-la hás na colera dolorosa e sublime que te fará subir o sangue ao rosto quando ouvires uma injuria ao teu paiz da bocca de um estrangeiro. Sentí-la hás mais violenta e mais profunda ainda, no dia em que a ameaça de um povo inimigo desencadear uma tempestade de fogo sobre a tua patria, e vires levantarem-se, frementes, exercitos de todas as partes, correrem moços ás legiões, os paes beijando os filhos, exhortando coragem! Sentí-la hás com uma alegria divina, se tiveres a fortuna de ver entranhos dos sacrificados, esfarrapados, com as bandeiras em traços, varadas pelas balas, seguidos por um comboio sem fim de valorosos que levantarão alto as cabeças feridas e ligadas, no meio de uma multidão delirante que os cobrirá de flores, de benções e de beijos.» (*)

APPLICAÇÕES

E' quasi inutil indicar *as applicações que poderão ser feitas, no correr da semana, do motivo central: «Amemos nosso paiz». O instituidor encontrará facilmente nas obras de literatura e de pedagogia, phrases simples ou complicadas, que possam segundo a grande comprehensão das crianças, servir de modelo para as lições de *escripta* ou de *leitura*. As lições de *canto* permitirão apprender e executar as arias nacionaes da Belgica e dos paizes alliados. As lições de *calculos* poderão proseguir sobre dados que lembrem a Belgica. As noções de *sciencias naturaes* ou de *agricultura* serão relativas á fauna e á flora da Belgica. As lições de *historia* e de *geographia* serão a synthese do que foi apprendido, durante o anno, da historia e da geographia da Belgica.

Para as lições de *lingua materna*, as occasiões de lembrar a patria nos *ditadas*, *recitações*, *redacções* encontrar-se hão sem difficuldade. Recommenda-se que taes trabalhos sejam precedidos ou seguidos de exercicios de *vocabulario*, por exemplo:

Paiz. «E' uma extensão de territorio considerado em quanto ás suas qualidades ou propriedades». Será uma aldeia assim como tambem pode ser uma região (extensão cujos habitantes são ligados uns aos outros por interêsses communs), ou uma Zona (extensão considerada antes sob o ponto de vista geographico ou climaterico). Se os habitantes destes paizes forem

(*) Preferi trasladar a traducção de João Ribeiro a traduzir, neste bellissimo trecho, o texto francês do folheto, versão do italiano. (Nota do trad.)

submettidos a um mesmo govêrno, formarão um Estado, republica reino ou imperio; se elles são reunidos por uma communhão de lingua, costumes, tradições historicas, formam uma nação.

Tambem se emprega *paiz* com referencia aos habitantes delle: «Cada paiz tem os seus costumes especiaes.»

Paizagem. Pintor paizagista ou paízista.

Patria, patriota, patriotismo, patrioteiro. A distinguir de patriarcha, patriarchado.

Terra «é a freguesia, o municipio ou a provincia de que se é natural.» Territorio.

Cidade, cidadãos, civismo, civico, civil, civilidade.

Colonia, colono, colonizar, colonização; metropole, metropolitano.

Compatriota, Compatricio, considadão, estrangeiro.

Exilio, exilado, exilar-se, expatriar-se. Destêrro, desterrado, desterrar. Nostalgia. Emigrar, emigrante, emigração. Immigrar, immigrante, immigração. Primeiros habitantes de um paiz: oborigenes, indigenas, autochtones.

Nação, nacional, nacionalizar, naturalização, nacionalização, antinacional, nacionalismo, internacional, cosmopolita; nascimento; natividade, natal, nativo.

Federação, federativo, federalismo, Estados-Unidos, confederação.

Bandeira, bandeirola; pavilhão pendão, estandarte, insignia.

Armas, escudo, brasão.

Monarchia, oligarchia, aristocracia, democracia.

Povo, povoar, população, popular, popularidade, populoso; despopularizar; depovoamento.»

São Paulo, Maio, 1922

CARLOS DA SILVEIRA
(Lente de Psychologia e Pedagogia)

— FIM —

COMO REALISAR A PRÁTICA DE ENSINO ?

Trabalho apresentado á reunião dos directores das Escolas Normaes convocada para Julho de 1921, no edificio do Jardim da Infancia de S. Paulo.

«O governo do Estado, desejando dar expansão á educação do povo, do modo mais perfeito possível, ouvirá, **COM MUITA SATISFAÇÃO, A OPINIÃO DOS QUE EXERCENDO CARGOS NA ADMINISTRAÇÃO DO ENSINO,** mais de perto sentem as necessidades do nosso aparelho escolar e podem, por isso mesmo, aventar com mais segurança soluções praticas e immediatas para o aperfeiçoamento do que temos actualmente».

Circular do Director Geral---«Correio Paulistano», de 30-Junho-1921. (griphos desta citação).

PRIMEIRO PRINCIPIO

A Escola Normal deve ser, no descuido de sua grandesa de officina o agasalho eterno e sobranceiro do enthusiasmo, cortada do rumor dos risos, escaldada da revoada chilreante da mocidade que é, em tudo e por tudo, a alma mater da civilização. Na galera de sua vida ha de entrar com realce o carinho do amor vehemente, do amor forte ao ideal, porque o ideal é a paixão da justiça e da liberdade, o culto dos principios cardeaes da vida, o fundamento do coração e da grandeza d'alma, e o professor é, antes de tudo, um sacerdote da patria, palpita em si as magnas luzes do dia de amanhã.

Apartado da E. Normal o ardor dos sonhos, as ancias da perfeição, os anceios nobilitantes do ideal, o que resta será o

chão apático da indiferença, do desprezo, e quiçá o lodo da maldade.

Por isso no sonoro concerto do ensino a escola formada de mestres terá o culto solemne do entusiasmo — scintilla divina que o homem alimenta — constituindo-se em foco perpetuo do fogo sagrado.

E si a escola é o foco do entusiasmo, o professor da materia technica do mestre — o ensinante da pratica pedagogica — tem que ser, forçosamente, a personificação mesma do entusiasmo, a lente convergente do ardor.

Dahi a primeira qualidade, o primeiro elemento da eficiencia da pratica pedagogica — o entusiasmo de seu ensinante.

O mestre frio, impassivel, sem o fogo communicante do entusiasmo apaga o ensino, anula o apprendizado.

II

O CONHECIMENTO DA CRENÇA COMO
BASE DO ESTUDO

Digamos, pois, que em cada uma das E. Normaes ha um mestre de pratica com o ardor, com o entusiasmo pelo officio ao ponto de communicar ao auditorio o fogo sagrado de que elle necessita para bem se haver no seu afã.

Como orientar o ensino?

Seguindo a natureza.

A natureza tem sido até hoje o mais notavel de todos os mestres. Só ella com o poder fascinante de seu genio incomparavel tem força de bem orientar as opiniões na arte de educar. A escola deve concordar com ella. Ella se reflecte inteira no animo do povo, pois, para cada povo ella se faz de um modo, para cada região tem uma modalidade *sui generis*. E como a cada passo da vida tem um geito, um perfume, assim a cada passo temos que nos socorrer della para aurirmos suas sabias lições.

Devendo actuar sobre as creanças a educação tem que se adaptar ao ambiente, para depois reformal-o, evoluindo dentro delle, nos moldes que lhe são accessiveis.

A pratica pedagogica, seguindo as regras da arte de educar, funda-se na observação dos elementos componentes da escola, e, por isso, para um conhecimento integral da pratica, é indispensavel, é imprescindivel, é premente, é inadiavel, o conhecimento da CRENÇA.

Antes de lançar a semente do ensino é mister se conhecer o terreno onde ella deve germinar. E' mister um estudo do

local onde ella vae ser lançada, onde deve florescer e dar fructo. Tal qual se faz na lavoura, segundo a lição da natureza.

Todo systema que não se firmar nesta base peca pelo fundamento—é falho.

Este estudo, porem, não pode ser senão empirico na situação actual das nossas normaes, mas nem por ser empirico deixa de ser forte, de possuir a necessaria força, a necessaria grandesa, o necessario valor.

E' preciso, é indispensavel, é premente o estudo da CRENÇA como preliminar, como base, para a educação que se lhe deve propiciar.

Antes das lições de arithmetica, as lições de observação para os alumnos mestres.

Foi, pois, sabida a localisação da pratica no segundo ao quarto anno. Acompanhando os alumnos tanto ás classes do grupo como ao recreio, o professor de pratica pedagogica irá inicial-os no conhecimento pratico da psychologia infantil notando os caracteres de cada creança nas mil e uma attitudes que ellas tomam tanto nas lições como nos brincos, que onde talves mais de perto se possa penetrar na essencia de sua alma.

E assim se faz psychologia activa, pratica, verdadeira, melhor que os pontos decorados e remoidos...

III

O PLANO E O BOSQUEJO DA LIÇÃO

Assim é que o professor novel-ha de beber o sol de seu officio, ganhar azas para o voo sobranceiro do mister que lhe incumbe—crescendo no meio, no ambiente, na luz deliciosa da vida escolar acompanhada emotivamente do reflexo do espirito de seu mestre, murmuro de oceano que ha de ficar estampado em seu coração, como na concha nevirosada o surdo rumor do mar.

Começam a palpitar então na alma do mestre em formação os conhecimentos e as ancias, a opinião e o desejo. E' o momento de lhe plantar na mente os methodos e os processos do ensino. E ninguem com mais carinho e espirito praticado cuidou do assumpto que o professor argentino PATRASCOIU—o apurmo e a elevação na cathedra, a delicadesa e a prosperidade nos estudos, a calma e a analyse—tudo unido ao desejo vehemente, portentoso, de servir a patria antes de tudo.

Edificou-se sua obra com dois elementos—um PLANO e um BOSQUEJO.

PLANO é parte geral, exame do fundamento, estudo das

bases. Materia, assumpto, grau, e duração da lição é uma parte. A outra cuida do methodo, da forma e do processo. A terceira indaga da introdução do assumpto, do seu desenvolvimento e da realisação final.

BOSQUEJO é indagação especialisada em regras sobre o dialogo, as perguntas e as respostas. No preambulo prepara o espirito, no final recapitula o bem geral.

Como por em pratica um tal projecto ?

Pela palavra convincente do mestre de pratica.

Incumbe-lhe, antes de mais nada, por obra, como prova de ezequibilidade, a theoria do mestre, E, então, vem a lição ideal

IV

A LIÇÃO IDEAL

Vejamos o que vem a ser a Lição Ideal'

Será uma lição impecavel ?

Não.

Difficilmente um mestre dá uma lição impecavel. E si lhe for dado po-la por obra, não o deve faser porque pede de mostrar aos alumnos um grande conhecimento de que elles têm absoluta necessidade no mundo—a lição do erro.

Todos somos homens, e todos erramos. E' preciso que se saiba onde está o erro para poder saber o modo de concerta-lo.

A lição ideal vem a ser pois, não uma lição sem macula, não uma lição impecavel, mas uma lição possivel, uma lição humana.

E assim concorda com a natureza porque nada no mundo é infinitamente perfeito.

E' este o primeiro prato a dar aos futuros mestres, prato de verdade e de sabor *sui generis* tal como os primeiros pratos do banquete de Felipe, pae de Alexandre Magno. Havendo acudido a um seu banquete numero immenso de «Sombras» (convivas não convidados) ficou de tal modo espantado o soberano que deu parte ao filho. Este tranquilisou-o dizendo que arranjaria modo de contentar a todos. E actos continuo mandou dizer, ás sombras, por um famulo, que os ultimos pratos eram os melhores. «Com que todos, por comerem mais, comeram menos, e bastou o pouco onde o muito não bastaria, ficando as «sombras» ás escuras quando viram o engano ás claras»,

Assim veem os alumnos a lição, provam do prato mais saboroso, dos acepipes mais succulentos, e, com o gosto, o sabor, e o praser em imagens nitidas vão agora repetir, MUTATIS MUTANDIS, dia a dia, no alvoroço de tocarem a perfeição.

E para claresa dos deslises, para conhecimento das corruptellas, para apurar os enganos, completa-se a obra com a **CRITICA PEDAGOGICA** cujo questionario é de raro poder de synthese buscando apurar as linhas geraes, os principios deaeas, as normas orientadoras.

Na architectura desse edificio entram de permeio as indagações geraes e a critica particular, Cultua o que diz respeito ao plano perquirindo sua incidencia, seu confecionamento, sua concordancia com a pragmatica estabelecida. Prende depois as illustrações e o material illustrativo. Perquire em seguida, com argucia e zelo, todos os meandros da lição, procurando os efeitos de suas bellas, a attitude de suas linhas, as expressões de sua eloquencia, a fecuudidade de seus ensinamentos, as flores de sua graça, os perfumes de sua atração, o reflexo do seus encantos.

Abre luz indagadora da disciplina, quer ver a revelação do praticante, quer examinar sua attitude.

APPLICAÇÃO PRATICA

No alvorecer de novecentos e dezesete e até que um dos competentes se resolvesse a aceitar o encargo forte, mandou-me o governo para dirigir a E. Normal de Botucatú. Tive, então, ensejo de ver praticada por seu professor de pedagogia, e a meu pedido e insistencia, o presente plano de pratica pedagogica.

A sympathia com que emoldurou o professor DEOCLICIANO DE TOLEDO PONTES fez com que desse flores das mais lindas, e, em minhas recordações afluem as rosas jaldes do aprendisado certo que vi brilhar no auditorio que se reunia sob a cupula do amphitheatro do magnifico palacio que, de improviso, o governo levantou na garrida cidade sulista gottejada do amor nas terras que a afectuosa dedicação do capitão JOSE' GOMES PEREIRA dera á santa protectora da esposa adorada.

A' lurida claridade do sol de Botucatú floresceu o empenho gigantesco congregando todos os corações em flor que perfumavam aquella escola, inoculados dos germens do amantissimo desejo de servir a terra de seu berço.

E tudo porque então não tinhamos noticia de outro melhor. Hoje mesmo parece não ser dos menos sumptuosos o plano aqui exposto. No transitorio ambiente da pedagogia paulista esta tremula estrada de pesquisas e ensinamentos não nos parecs mal. Ha aqui, com effeito, um preparo previo do espirito do alumno pela observação dos educandos, ha uma lição ideal

para a qual tendem os esforços conjugados de todos os praticantes (pois toda a classe trabalha), ha a estatica e a dymnamica do ensino... Que mais querer?
Só falta a philosophia dos methodos, dirão. Mas sobra tempo para ella.

VI

A PHILOSOPHIA DOS METHODOS

Combinador eximio do ideal da educação com as tendencias do educando, o mestre precisa conhecer a parte philosophica dos methodos de ensino.

E' este o momento mais difficil da formação do novo professor porque é aquelle em que entram em jugo os elementos formadores da melhor parte de sua alma. Criando dentro da alma de homem uma vibração especial a philosophia da educação faz fervilhar um sem numero de emoções que nunca mais cessarão de commover, sensibilizando de tal modo o educador que elle—alma feita de calma e de bondade—ha de sentir em si o vulcão refulgente de um supremo deslumbramento.

*
**

Entre os trechos commovedores da grande guerra, conta um chronista a scena de uma granja onde, ao abandono, um violinista soldado fazia vingar os mais deliciosos accordes que jámais lhe foram dado tirar do magico instrumento. E na sua solidão, no seu despreso, elle tinha o mais supremo goso do mundo; entrever entre as nevoas dos sonhos, os dias de ouro e rosas, em que, na grande Bruxellas, seguia a escala crescente das melodias dos grandes mestres da Belgica heroica e grandiosa!

E era feliz o desgraçado!

No meio da fusilaria de ambições e desejos, o mestre deve ser o violinista soldado que no isolamento, na reclusão de seu gabinete, hade ouvir a flauta magica da philosophia de sua arte, lyricos accordes que hão de embalal-o durante toda sua existencia.

E porque não tem havido um estudo systematisado desta parte fundamental da educação, temos por ahi perdido um sem numero de veros talentos, de fortes sabedores.

VII

ALGUMAS OBJEÇÕES

Com o diser o que fica escripto não quero sinão assignalar que se dêem as linhas geraes da philosophia, que detalhes

não são cabidos no ensino perfunctorio, exiguo, singelo, da escola normal.

Hão de objectar que sendo das mulheres a maioria dos candidatos a mestre, não cabe um tal ensino.

Puro engano. O que as mulheres não toleram é a irracionalidade das lições, é o ensino fastidioso. Nada cança mais o espirito que uma lição desinteressante. Dem-lhe; aulas claras, bellas, scintillantes, que terão não só aprendido como até sentido contaminar-se da paixão, a base é que se torna urgente.

O que se quer com um tal estudo é criar a aptidão philosophica no futuro educador, porque uma vez criada o tempo se incumbirá de desenvolve-la como a semente lançada o tempo reno fecundo — dentro em breve é arvore frondosa, resplendente de flores e embalsamada de perfumes.

No quarto anno, pois, na segunda parte do segundo semestre, pode haver logar para um tal estudo, para uma pesquisa das idéas geraes da educação pratica, dos fundamentos philosophicos dos methodos. Tudo bem de vagar, porque o vagar é o segredo da pressa, o vagar é o pae do verdadeiro, o vagar é o alicerce do certo. Tudo comparado porque da comparação é que nasce a claresa, da comparação é que nascem as luzes, a comparação é que espanca as duvidas, desterra os mal entendidos, aplaca os erros.

CONCLUSÃO

No estado actual da E. Normal, mesmo com a presente reforma operada no ensino, cujo capitulo referente ás escolas formadoras de mestres mereceu real cuidado, a pratica pedagogica tem que se cingir ao empirismo, mas incumbe-lhe possuir uma directriz uniforme, um guia certo para poder crear sabedores de verdade e não um movimento desigual, destacado, emmaldurado em palpitante belleza mas frouxo e, quiçá, vasio por excessivamente livresco, erudito e pouco observador.

Neste assumpto devemos ter em mira a formação de praticos, nunca a de eruditos como aquelles professores franceses de que falava Montesquieu nas «Letres persanes» e que o «Mealheiro de Agrippa» recentemente recordou.

Eram esses os melhores professores do mundo porque ensinavam tudo:—o que sabiam e o que não sabiam! E o philosopho então ponderava: — «Porque, se é preciso muito espirito, Rhedi, para mostrar o que se sabe, ainda é preciso mais para se ensinar o que se ignora».

Livre-nos o céu dessa *grandesa*.

E para isso é preciso que nos apromptemos com vagar e zelo, fasendo nascer a pratica pedagogica nos moldes mais per-

feitos como esse que propõe o professor PATRASCOIO e que entendemos seguir mais ou menos estes passos :

A — entusiasmo sciente e consciente do mestre :

B — estudo empirico da creança; dentro e fóra da sala de aula.

C — lição ideal pelo professor de pratica, servindo de molde aos alumnos mestres ;

D — estatística e dymnâmica da lição executadas por toda a classe, em conjuncto aquella, parcialmente esta ;

E — critica pedagogica pela classe com referencia á dymnâmica da lição após os exercicios ;

F — critica da estatística pelo professor antes da lição oral ;

G — critica pelo professor, complementar á dos alumnos, com referencia á dymnâmica da lição ;

H — estudo da philosophia dos methodos como coroa dos estudos parciaes.

*
**

A um pouco de assucar envolvido em tres tantos de sal certamente não chegaremos assucar, porque mais salgado é que doce, como notou Manoel Bernardes na «Nova Floresta», assim um pouco de bou vontade no cenaculo dos entendidos é nada porque boa vontade não é saber assim como sal não é assucar.

Mas nem com ser insignificante diminue no pouco de assucar a sua doçura ingenita, assim nem por ser nula deixa de ter seu sabor a boa vontade que quer acertar.

Minimo no perquirir quiz com estas linhas apenas atirar mais uma pedra ao monte do saber com o intuito de chamar attenção dos entendidos para o mestre argentino.

Consegui meu intento ?

A mim me basta o haver querido acertar.

DUILIO RAMOS

(Lente da 7.a cadeira — Ex-director da E. Normal de Botucatu)

O LENTE DE PHYSICA

De MARIA ANGELA — *paginas de vida escolar, ineditas.*

O lente de physica é, sem duvida, uma das mais gratas recordações de Maria Angela, do tempo em que envergava, ainda, o uniforme branco-azul de normalista. Agora, já formada, lembra-se frequentemente delle, de sua sympathica figura de professor, e essa lembrança lhe vem repassada de saudade.

Gosta, principalmente, de recompôr a sua figura característica de homem pequeno, compleição delicada, trajando quasi sempre um terno surrado de brim kaki. A face clara, lisa, escañoada, corôa-se de uma cabelleira basta, em desalinho. Vê-se bem que é ainda moço — trinta a trinta e cinco annos — quando muito, e no entanto a cabeça tem-na elle grisalha, quasi completamente branca.

Causam sempre impressão essas faces moças que algumas vezes se encontram na vida. Faces lisas, córadas, sem o menor signal de rugas e nimbadas, todavia, das cans de uma velhice prematura. Caprichos da natureza !...

Bom professor — o lente de physica. Seguro das materias da cadeira, possui todos os attributos de um excellente pedagogo: clareza na exposição, firmeza e segurança de methodos e um largo enthusiasmo transbordante que se communica á classe interessada e attenta.

Suas aulas mantêm sempre, crepitante, o interesse do auditorio. São boas de se ouvirem as suas prelecções interessantes!

Mas o entusiasmo de professor, as suas qualidades apuradas de pedagogo, não superam jámais dentro d'alma, o brasileiro que elle é, profundamente patriota, nacionalista dos quatro costados, desde a medulla dos ossos até a flôr da epiderme. A' classe que o conhece e ama, apraz observar como elle, habilmente, transita do assumpto de um ponto de physica, chimica ou historia natural, para uma questão qualquer de patriotismo. E o faz com tal arte, com tanta habilidade, numa gymnastica verbal tão astuciosa, que se não percebe que a lição tenha tido solução de continuidade.

Agora, muito a proposito, Maria Angela recorda-se daquella aula memoravel sobre os vulcões da America Central. O professor, explicando que a Cordilheira dos Andes está toda pontilhada de cratêras, teve occasião de contar que uma localidade da America Central, pequeno burgo assente á beira de uma montanha vulcanica, fôra já por diversas vezes gravemente insultada pelas erupções periodicas do monstro de lava e chamma.

Foi quando uma alumna, pedindo venia para um aparte, inquiriu delle porque se não mudava para uma outra paragem essa população infeliz.

«Teria garantida a tranquillidade futura e nunca mais lamentaria o horror de um desastre» — accrescentou.

O professor escutou attento a observação, e demorou-se a respondel-a, como si não a tivesse entendido bem.

A classe, no silencio da sala, aguardava anciosa a réplica do mestre, fixando nelle os olhos interrogadores. Depois, numa voz macia, tão baixa que quasi se não deixava ouvir, retorquiu: —

— Havia, por certo, outras paragens na propria patria daquelles infelizes, onde poderiam repousar tranquilllos, longe da cratêra traiçoeira. Ser-lhes-ia possivel emigrar, construindo o lar algures, lá onde lhes não perigasse a vida e, mansa e boa, lhes fluisse ella como uma corrente de agua limpida á sombra das plantas ribeirinhas.

No entretanto, teimavam em ficar. Relutavam em abandonar o burgo pobre, sujeito ás cruezas da montanha vulcanica. Preferiam-no, assim pobre e assim exposto aos perigos, a qualquer outro tranquillo recanto onde lhes fosse dado repouso seguro, ao abrigo das insidias dos phenomenos sismicos.

Que extranho proceder o dos habitantes da pequena cidade americana!

Todavia, bem explicavel era — continuou o mestre num tom de voz commovida.

E' que elles tinham apêgo ao seu canto, Amavam a terra pequenina que lhes serviu de berço. A ella estavam presos pelos vinculos estreitos das mais caras tradiçõs. Amavam-na, como as andorinhas amam o beiral do telhado da casa velha e tosca, onde fizeram seus ninhos.

Era feia, sem duvida, — feia e pequena e judiada da brava da cratera que vomitava lavas.

Mas, que importa ? si era tambem, o torrão natal, a terra sagrada do berço !

Não via de que tanto se admirassem os alumnos, — proseguiu, — quando, perto de nós, dentro das fronteiras da Patria, um povo existe, do mesmo sangue que o nosso, povo amigo e irmão, que já tantas vezes tem dado exuberantes provas de como o berço natal, por mais modesto que seja, exerce sobre a creatura humana um immenso prestigio.

Não ha, Deus louvado ! vulcões nestas largas e abençoadas terras do Brasil.

Outra calamidade, porém, não menos cruel de decennio em decennio, numa intermitencia certa e revoltante fêre o nordeste brasileiro. Quando isto acontece, por mal nosso, as regiões sertanejas do Ceará, Parahyba, Pernambuco e ainda outras, transformam-se no scenario combusto de uma tragedia dantesca, capaz de commover até ás lagrimas as almas empedernidas.

Imaginem a chapa larga de um céu sem nuvem, absolutamente limpido como uma esmeralda sem jaça, de onde ha muitos mezes os raios intensos de um sol abrazador resecam embaixo a terra calcinada. Não chove ha muito tempo. Muitas luas já passaram sem que do céu impiedoso, de uma limpidez metalica de ferir a retina, cahisse sequer uma gotta de chuva. As fontes já não vertem mais os filetes cantantes d'agua. Agora, os proprios rios expõem o leito enxuto, de lama dura, gretada do sol.

Nos campos torrados, á sombra tenue das arvores de folhas mortas, o gado magrissimo, com a ossatura saliente na pelle secca, muge faminto, dolorosamente, mal suspenso nas pernas bambas e enfraquecidas.

Além do sol — num requinte de atrocidade, — o flagelo do fogo !

Basta um átimo de chamma delgadissima, basta uma leve e luminosa faisca de pedra ferida, para produzir incendio que dura mezes, de labaredas vorazes, que o vento insufla e toca para diante, alimentadas da gramma secca, consumindo as mat-

tas e os campos, enquanto — para traz — fica a terra negra, combusta, carbonizada, coberta de lucto.

Em meio deste scenario torturante, soffrendo com o gado e as plantas as torturas da secca, soffrendo-as com elles e por elles, luctanto impotente contra a natureza madrasta — ha a figura homerica do sertanista, o vaqueiro do norte, destemido e valente, todo um povo de heroes anonymos, nosso amigo e nosso irmão, que alli està resignado à sua sorte, apegado á terra do berço, aferrado ao lar onde já campeia a miseria e paira a aza negra da morte.

Sò quando o cèo continúa inclemente, limpido como uma bola de crystal, sem uma nesga de nuvem promissora, e dent— d'alma morre-lhe a esperança vaga de uma chuva possivel ro sò então è que elle se resolve abandonar o torrão natal, o canto querido para ir, estrada em fòra, num exodo de lagrimas numa emigração orchestrada de lamentos, plantando cruces a beira dos caminhos . . .

E foi assim numa voz commovida, tremula de emoção, que terminou sua aula de historia natural, o professor de physica — o de rosto liso e còrado, coberto de cabellos grisalhos, quasi brancos.

Grande alma a sua !

Alma romantica, profundamente nacionalista, cheia dos so, nhos illuminados do patriotismo ! . . .

ATALIBA DE OLIVEIRA

A MOSCA

«Digno e veneravel animal! Em qualquer logar em que o homem penetra, deserto, montanha, caverna — a mosca lá está. Foi este o primeiro dos seres vivos que surgiu sobre a terra. Já havia moscas para pousar no nariz de Adão. O derradeiro homem ha de morrer com uma mosca a zumbir-lhe em torno á face. E talvez haja moscas no Paraiso.»

(Eça de Queiroz—*As minas de Salomão*)

Perguntemos a alguém si conhece a mosca. Como resposta a tão pueril pergunta teremos por certo um gesto de admiração e um sorriso zombeteiro:—Que pergunta!

Entretanto essa mesma pessoa que nos respondeu com um gesto de espanto talvez não seja capaz de nos dizer quantas asas ou quantos pares de patas tem o insecto!

Concordemos. A mosca é muito conhecida. Que é que se sabe, entretanto, da sua organização, dos seus habitos, das variedades que apresenta? E valerá a pena sabê-lo?

1—Escolhamos para typo de estudo a mosca domestica (*Musca domestica*, L.), não só por ser a mais commum, como

tambem por nos interessar mais de perto sob diversos pontos de vista.

Um vidro de augmento nos prestará bons serviços na observação do insecto.

Examinemos o nosso exemplar.

Torna-se evidente desde logo a tripartição do corpo: cabeça, thorax e abdomen.

Vejamos a cabeça. Lateralmente é tomada pelos olhos, muito grandes, salientes e avermelhados; na frente se destacam as duas antenas, bastante curtas, as quaes, segundo opinião de muitos naturalistas, são os órgãos do olfacto e da sensibilidade tactil; um outro appendice se distingue, este na parte inferior e digno de reparo: a tromba.

A tromba é formada quasi que exclusivamente pelo labio inferior, que se alonga e se torna esponjoso na extremidade, permitindo desse modo a embebição dos liquidos, de que a mosca se alimenta. A mosca é um insecto *lambedor*.

A cabeça segue-se o thorax, parte intermedia do corpo do insecto. Divide-se em tres segmentos, facilmente distinguiveis, que se denominam a partir da cabeça: *prothorax*, *mesothorax* e *metathorax*. Na face ventral do thorax se liga a cada um dos tres segmentos um par de patas articuladas, e na parte se destaca um par de asas transparentes. A mosca é um insecto *diptero* (de duas asas). No *metathorax* se nota um segundo par de asas, porem reduzidas a pequenissimas saliencias membranosas (balanceiros).

Em seguida as thorax vem o abdomen, arredondado e que se caracteriza pela ausencia de appendices e por sua estrutura em aneis.

Resta ainda observar que o corpo todo da mosca e bem assim as partes appendiculares se mostram eriçados de pellos mais ou menos desenvolvidos. É uma particularidade digna de nota pelo motivo que adiante se exporá.

2—As moscas têm seu berço nas esterqueiras, porem logo que se acham aptas para a vida aérea procuram a companhia do homem e lhe invadem as habitações. Temos então o importuno e nauseabundo insecto a nos pousar nas vestes, no rosto nos pratos de comida, a lambor e a sujar tudo.

Alimentam-se de substancias liquidas ou que liquefazem com a propria saliva que possuem, o que é facil de verificar quando se agglomeram no assucar. Não têm escrupulos na escolha: tanto bebem o leite que ficou humedecendo os labios da criancinha como o humor que brota da materia putrefacta.

A cada passo ssem pelos arredores em cata de alimento. Pousam aqui, acolá, ora sobre um deposito de esterco, ora sobre um animal em decomposição, ora sobre o sujidade multi-

forme das ruas. Depois voltam para o interior das habitações trazendo consigo, além da immundicie, ovos de parasitas e bacillos de molestias graves. Nessas excursões a mosca pode ir até 700 ou 800 metros de distancia, e pode-se bem avaliar o perigo a que ella nos expõe com os seus continuados vae-vens.

3— A especie tem de perpetuar-se, e assim, mais dia menos dia, se cumpre a lei fatal da natureza.

Chega o momento da postura.

Guiada pelo instincto da reproducção, sai a fema á procura de um sitio conveniente ali nas visinhanças. Logo a attrahe o cheiro de materia em putrefacção. E' o estrume que fermenta nas estrebarias, o lixo que apodrece no quintal, um monturo qualquer.

A mosca prefere o esterco animal, especialmente o de cavallo, para o aninhamento da proxima descendencia, porem, na falta, se satisfaz com outra qualquer immundicie.

Ahi pousa ella, andeja de um lado para outro, perscruta, esvoaça, adeja, logo pousa de novo e de novo andeja pela superficie, sempre agitada, até que encontre situação favoravel: um substractum que lhe possa proteger a postura e offereça substancia nutritiva á prole, que vai crescer ao desamparo.

Depõe os ovos. Quantos? 100, 150, talvez mais.

Dentro das 24 horas que se seguem á postura, os ovos amadurecem, partem-se e deixam sair as *larvas*, ápodas, approximadamente conicas e de cor esbranquiçada. Ali na esterqueira aquelles corózinhos se arrastam, se amontoam e vão crescendo alimentados pelo humor da propria podridão. Quando attingem 10 ou 11 millimetro, mudam de pelle, e quatro ou cinco dias depois se encerram em um casulo, se immobilizam, não se alimentam mais. E' a *nympha* ou *pupa*.

Uns quatro ou cinco dias mais tarde o envolucro pupal se abre e surge o *insecto perfeito* e immutavel para o resto da vida.

A mosca é, pois, um insecto de *methamorphose completa* e cuja existencia comprehende duas phases distinctas: uma, de preparação, que vai do ovo á *nympha*, e outra, de perfeição, que se prolonga até o instante da morte.

Em certas horas a esterqueira se anima extraordinariamente com a festa da desmumização.

Centenas, milhares de individuos se erguem daqui, dali, dacolá, de toda a parte. Ha um distender de patas, um desdobrar de azas, um bulicio caracteristico. E naquelle enxame movediço, em vai-vem continuo, se confundem os que acabam de nascer para nova vida e as mães que veem para depositar outras prolificas posturas.

A estação quente é mais propicia á procriação das moscas

todavia nem o mais vigoroso inverno lhes impede a obra da perpetuação da especie.

A mosca femea vive de seis semanas a quatro mezes, e durante a sua existencia faz 5 ou 6 posturas. Pode-se avaliar em dois milhões a posteridade que um só insecto pode produzir num anno com as suas posturas e as dos seus descendentes.

4 — A mosca nos é tão familiar, tão caseira, tão nossa, que nem siquer suspeitamos do perigo a que ella nos expõe. Em tempo passado até se lhe attribuiam indevidamente serviços prestados em bem da humanidade, devorando organismos promptos para a obra de destruição e morte.

Hoje todo o mundo concorda em que seja um insecto importuno e repellente, mas pouca gente vai além. E' falta de observação, pois o simples conhecimento dos seus habitos deve bastar para produzir desconfiança. Mas não é só desconfiança. Factos bem comprovados têm trazido á evidencia o poder malefico da mosca, respeito á disseminação de certas enfermidades.

De dois modos podem os insectos transmittir germens pathogenicos: directa e indirectamente, segundo a conformação do apparelho bucal.

Muitos possuem uma tromba, com a qual perfuram a pelle e sugam o sangue. Esses, uma vez infectados, lançam na torrente sanguinea da pessoa picada os organismos causadores da molestia. E' a transmissão directa. Entre os muitos que estão neste caso podemos citar os mosquitos, as pulgas, o barbeiro, a mosca dos estabulos, o persevejo e mesmo o piolho do corpo humano. A transmissão é indirecta no caso de o insecto depositar em qualquer parte externa do corpo humano, em objectos de uso ou em substancias alimentares os germens de que é portador. Em certas circumstancias esses germens são introduzidos no organismo e ahi se desenvolvem, desde que encontrem favoraveis condições de proliferação.

As moscas não possuem tromba perfuradora e, portanto são incapazes de injectar microbios em nosso sangue, porem pela sua estructura, pelos seus habitos e pela intimidade em que vivem comnosco se tornam agentes de transmissão indirecta.

De facto, em suas excursões ellas procuram alimento em todas as immundicies, pousam em toda a sorte de dejecções. Ora, aquella pilosidade que lhe recobre as patas, a tromba, o corpo inteiro, constitue um optimo collecter de ovos e bacillos. Quando regressam trazem, sem duvida nenhuma, um carregamento perigoso para distribuir no interior das nossas habitações.

Com o desejo de não invadir alheio dominio, pouco mais faremos do que uma simples enumeração de molestias transmissiveis por intermedio das moscas.

O germen da febre typhoide (*Bacillus typhosus*) é elimi-

nado em grande abundancia pelas fezes e pela urina, e, fora do corpo humano, conserva a sua virulencia por muitas semanas.

As moscas precipitam-se, avidas, sobre taes materias, onde sujam as patas e a tromba, e, carregadas de despojos, voam ás habitações, aos armazens, aos mercados, para depositar a mortifera carga sobre generos que vão ser nosso alimento.

Com os alimentos se ingerem bacillos, os quaes passam para o estomago e dahi para os intestinos, onde se desenvolverão si encontrarem o organismo prediposto.

Alem da febre typhoide, pode a mosca transmittir a dysenteria, a diarréa infantil, a tuberculose, a cholera e, talvez, a lepra, a erysipela, a variola e ainda outras doenças.

Em todos os casos a mosca desempenha o papel de vehiculo, transportando germens das materias expellidas pelos doentes e indo deposital-os em lugares donde é possivel a introduccão no organismo de individuos sãos.

Em conclusão : a mosca é um insecto *nocivo*.

5 — A extincção das moscas domesticas é um problema difficil mas não impossível de resolver-se, pelo menos em determinadas zonas. Actualmente todos os povos cultos lhe procuram a solução, e a materia, pela importancia que tem, não pode deixar de merecer attenção de nossa parte.

A reduccão do numero de esterqueiras, monturos e depositos de immundicies de qualquer natureza fará diminuir sensivelmente a quantidade de insectos alados, e a suppressão total ou a inutilização desses viveiros de larvas acarretará necessariamente a extincção da praga.

Toda e qualquer medida nesse sentido depende de acção conjuncta, praticada expontaneamente pelo povo ou a ella obrigado por lei. Felizmente o Codigo Sanitario do Estado contem sabias disposições ácerca do assumpto.

O que se impõe principalmente é limpeza, limpeza em tudo e por toda parte, Moscas em uma casa é indicio seguro de immundicie nas visinhanças.

Desde que haja viveiros de larvas nas immediações é certa a invasão das casas, muito embora ahi se mantenha o maximo asseio. Não será, entretanto, medida inutil o emprego de insecticidas e dos diversos meios de caçar moscas, taes como o mosqueiro, o papel mata-moscas, etc., pois assim diminuirão as possibilidades de muitas posturas novas.

As gallinhas são auxiliares poderosas nesta obra de saneamento. Ciscando, vão ellas devorando larvas e nymphas aos milhares. Muitos passaros, e notavelmente as andorinhas, são tambem grandes inimigos das moscas. A protecção aos animaes insectivoros é um dever a que todos nós nos achamos obrigados.

6 — Até aqui nos temos referido exclusivamente á mosca

domestica. Ha, entretanto, outras muitas especies, algumas me-recedoras de especial reparo.

Quem não conhece moscas pequenissimas, insignificantes mosquitinhos, que mal se percebem? Não ha outras que, ao contrario, causam espanto pela sua grandeza? E ainda outras que chamam a atenção pela viveza da cor, pela elegancia do talhe ou pelo zumbido que produzem? Todas são especies diferentes pelos seus habitos e pela conformação, porem uma certa comunidade de caracteres nos leva a colloca-los num só grupo: *moscas*.

Semelhantemente á mosca domestica, as outras têm um par de asas transparentes, antenas curtas, grandes olhos e tromba apropriada para beber os liquidos de que se nutrem.

As denominações vulgares das diferentes especies provêm do lugar onde se desenvolvem as larvas. Assim temos a mosca da carne (varejeira), a mosca do queijo, a mosca dos estabulos, (*Stomoxys calcitrans*), que é muito parecida com a mosca domestica, mas possui ferrão perfurador. Todas essas especies são muito conhecidas.

Ha tambem moscas de cores brilhantes, que vivem do mel e do pollen e cujas larvas se desenvolvem nas plantas e na madeira podre.

Interessantes, ainda, são as moscas que fazem sua postura nos fructos.

Destas e de outras especies muito communs nos occuparemos na lição seguinte.

SUGGESTÕES DIDACTICAS

O estudo que fizemos da mosca comprehende seis partes:

- 1.a) Descrição da mosca domestica;
- 2.a) Habitos da mosca domestica;
- 3.a) Evolução da mosca domestica;
- 4.a) Nocividade da mosca domestica;
- 5.a) Extincção da mosca domestica;
- 6.a) Outras especies de mosca.

A primeira parte é de pura observação, cabendo ao professor apenas encaminhar os alumnos, cada um dos quaes deve ter o seu exemplar para o exame. Embora não se trate de classificação zoologica, é conveniente insistir sobre os caracteres que são proprios da mosca como representante de uma determinada classe, ordem ou familia animal. É uma preparação indispensavel para ultteriores investigações.

As outras partes serão desenvolvidas em forma expositiva interrogativa, não convindo absolutamente o estudo experimental na escola. Quando for possivel, o professor lançará mão de estampas que possam illustrar o sua exposição, não se esque-

cendo, comtudo, de estimular as crianças a fazerem observações e experiencias por conta própria.

Os termos novos para a classe e aquelles que sejam designativos de cousas ou factos importantes devem ser escriptos no quadro negro e lidos em voz alta pelos alumnos.

Ao tratar da extincção das moscas convem mostrar com insistencia a utilidade dos animaes insectivos.

Si ao estudo da mosca tiver precedido o de outro qualquer insecto, será bom estabelecer uma comparação entre a evolução daquella e a deste.

Não é necessario seguir a ordem que estabelecemos, nem tão pouco dar a cada uma das partes o desenvolvimento que lhe demos. Tudo isso fica ao criterio do professor, que tomará por base principalmente o tempo de que dispõe e as necessidades hygienicas do lugar onde funciona a escola.

A leitura de algumas disposições do Codigo Sanitario assim como de artigo de jornal relativamente ao assumpto será de utilidade.

O presente estudo fornece materia para composição escripta e bem assim para culculo. Podemos, por exemplo, calcular o numero de moscas produzido por um sò individuo e seus descendentes até a terceira geração, etc.

A. PROENÇA

- NOTA — Este trabalho faz parte do livro inédito — «Os pequenos animaes communs» — (Estudo biographico individual, para servir aos professores primarios.)

MÉTODOS DE ENSINO ELEMENTAR

Os tres typos de lição

I) — LIÇÃO INTUITIVA

Objectivo : Formação de um conceito individual ou formação de um conceito geral, porem de natureza psychologica.

Applicações : A todas as materias de conhecimento (Arithmetica, geometria, grammatica, sciencias phisicas, sciencias natúraes, historia e geographia).

Desenvolvimento

1.a phase — Apresentação do objecto ou do assumpto. Resultado : uma synthese vaga.

2.a phase — Analyse do objecto ou do assumpto. Estabelecimento das relações entre os elementos do objecto ou do assumpto. Resultado : o objecto ou assumpto fica decomposto em suas partes.

3.a phase — Reconstituição do todo pela união dos elementos em que foi decomposto. Resultado : uma synthese definida de objecto ou do assumpto.

II) — LIÇÃO INDUCTIVA

Objectivo : Formação de um conceito logico.

Applicações : A todas as materias de conhecimento, com excepção de historia.

Desenvolvimento

- 1.a phase — Preparação mental para assimilação (apercepção).
 2.a phase — Apresentação dos objectos ou dos assumptos (phase de intuição)
 3.a phase — Comparação, dando em resultado a abstracção dos caracteres differentes e a synthese dos caracteres communs.
 4.a phase — Generalização, produzindo uma definição ou o enunciado de uma lei, regra ou principio.
 5.a phase — Applicação da noção geral a casos particulares (phase de deducção).

III) LIÇÃO DEDUCTIVA

- Objectivo — Antecipar um conhecimento, mediante inferencias de principios geraes ou explicar factos particulares sobre a base de principios geraes.
 Applicação — A todas as materias de conhecimento, porem nas classes adiantadas.

Desenvolvimento

- 1.a phase — Os dados, isto é as questões que se apresentam.
 2.a phase — Os principios a que se subordinam as questões apresentadas.
 3.a phase — A inferencia ou conclusão.
 4.a phase — A verificação.

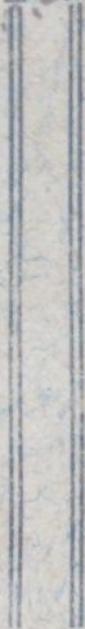
Dentro destas normas, que são racionais, têm o professor ampla liberdade para applicar processos e formas de ensino. Está claro que os tres typos de lição se destinam ao aprendizado directo, ao exercicio da intelligencia por parte dos alumnos.

Nem todo o professor será capaz de desenvolver as lições conforme os planos expostos. Dahi a frequente substituição do aprendizado activo, directo, pelo ensino directo, dogmatico. Este é mais facil e produz aparentemente o mesmo resultado que aquelle. Que ha de mais facil do que ir o professor ao quadro negro e fazer demonstraões para a classe ouvir? ou ensinar o que é conjunção, definindo-a em termos do compendio? ou fornecer uma serie de informações em geographia ou sciencias naturaes em vez de factos, imagens, verdadeiras experiencias?

PROFESSORANDOS DE 1922 — ESCOLA NORMAL DE S. CARLOS

1 — Aida Cezar	Annapolis
2 — Anna Cintra do Prado	Amparo
3 — Anna Stella	S. Carlos
4 — Beatriz de Oliveira	Itapetininga
5 — Bertha de Sá	Jahú
— Clementina de Cresci	S. Carlos
— Dalila Galli	S. Carlos
— Edith de Oliveira Guena	Victoria
6 — Erlana Maria de Oliveira Penteado	Descalvado
10 — Inesia Amelia Nogueira	S. Ant. Boa Vista
11 — Leonor de Camargo	S. Carlos
12 — Lydia Lopes da Silva	S. Carlos
13 — Maria Antonietta Amaral Marinho	S. Paulo
14 — Maria Duarte de Almeida	Rio Claro
15 — Maria Ferraz de Sampaio	S. Carlos
16 — Maria Judith da Cunha Rodrigues	Jacarehy
17 — Mathilde Villari	S. Carlos
18 — Lair Cintra do Prado	Amparo
19 — Nicolina Fragáli	S. Carlos
20 — Re né de Oliveira Pinto	S. Carlos
21 — Rita Viola Pereira	S. Carlos
22 — Rosa da Rodrigues	Rio Claro
23 — Rosa da Minervino	Torrinha
24 — Sylvia Navarro Moreira Sampaio	Ityrapina
25 — Thereza Menezes de Oliveira	S. Paulo
	Jahú

1 — Affonso Fiocca Vitali	Araraquara
2 — Cajocy Accoly Wanderley	São José do Barreiro
3 — Jefth Lavrador de Sousa	S. Carlos
4 — José Schettini	S. Carlos
5 — Luiz Ferraz de Sampaio	Botucatu
6 — Raphael Ferraz de Sampaio	Botucatu



A GRAPHICA

Encadernação, Douração e
Typographia

MARRA & FILHOS

Rua Marechal Deodoro, 44-A
Telephone. 248

— S. CARLOS —

